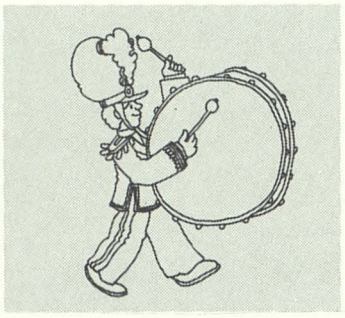
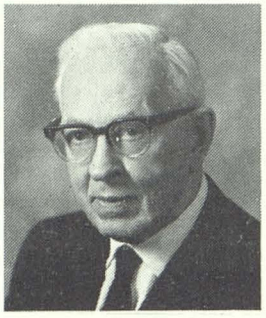
A Liahona 32 12 dezembro 1979

A Liahona




A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
COMITÊ DE SUPERVISÃO
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee
EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
M. Russell Ballard
Editor;
Larry Hiller,
Editor Gerente;
Carol Larsen,
Editor Associado;
Connie Wilcox
Seção Infantil
Roger Gylling,
Desenhista
EXECUTIVO DA «A LIAHONA»
Danilo Talanskas,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona
DEZEMBRO 1979 PBMA0642PO
SÃO PAULO — BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1 Mensagem da Primeira Presidência: **O Salvador, o Centro de Nossa Vida,** Presidente Spencer W. Kimball
6 **"Hanks, Você Crê em Jesus Cristo?"** Élder Marion D. Hanks
7 **A Labuta do Amor: Perdida — e Achada!** Diário Mórmon, Kim R. Burningham
10 **Descoberta: Paralelos Entre o Velho e o Novo Mundo**
11 **Que Tal Meu Desempenho Como Membro Missionário?** Marvin K. Gardney
13 **Um Bom Amigo por Perto**
14 **Acreditar em Seus Filhos**
17 **Reprovar Com Amor,** Spencer J. Condie
18 **"... Quando Fazeis o Que Eu Digo...",** Harriet S. Halbert
21 Clássicos dos Profetas dos Últimos Dias: **O Primeiro Profeta da Última Dispensação,** Presidente Joseph Fielding Smith
24 **O Único no Ritmo Certo,** David Hugh Burley
27 **O Que Joseph Smith desejou Para os Jovens,** William G. Hartley
31 Diário Mórmon: **Perth, Austrália: Foi Preciso Fé, Não Dinheiro,** H. Dyke Walton

SEÇÃO INFANTIL

1 **Lucas 2:7-14**
2 Mensagem de Natal: A Primeira Presidência, **Um Natal Cheio de Alegria Para Todas as Crianças do Mundo**
4 **O Dia Em Que Não Houve Noite,** Mabel Jones Gabbott
8 **Só Para Divertir**

NOTÍCIAS LOCAIS

I **Élder Mark E. Petersen visita o Brasil**
II **Londrina, Primeira Estaca do Interior Paranaense**
IV **A Capital Paulista Ganha Nova Estaca**
VII **Visitas Oficiais**
IX **Tita, o Craque Mórmon**
XI **Dividido o Distrito de Recife**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 50,00*; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 5,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 35-2605. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí, 331, tel. 276 8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaboraçõões para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

O SALVADOR: O CENTRO DE NOSSA VIDA



Presidente Spencer W. Kimball

Discurso proferido em 25 de fevereiro de 1979 no serão realizado no Centro de Eventos Especiais da Universidade de Utah.

Meus jovens irmãos e irmãs, no mês de julho (de 1979), completar-se-ão trinta e seis anos desde que fui chamado como testemunha especial de Jesus Cristo em todo o mundo. Esse chamado especial e de grande responsabilidade ainda permanece comigo. Continua imutável, a despeito de meus deveres me encontrarem, agora, na Primeira Presidência da Igreja. Em virtude dessa designação especial, que não cessa, desejo falar-lhes hoje a respeito do papel central que o Salvador, Jesus Cristo, deve desempenhar em nossa vida.

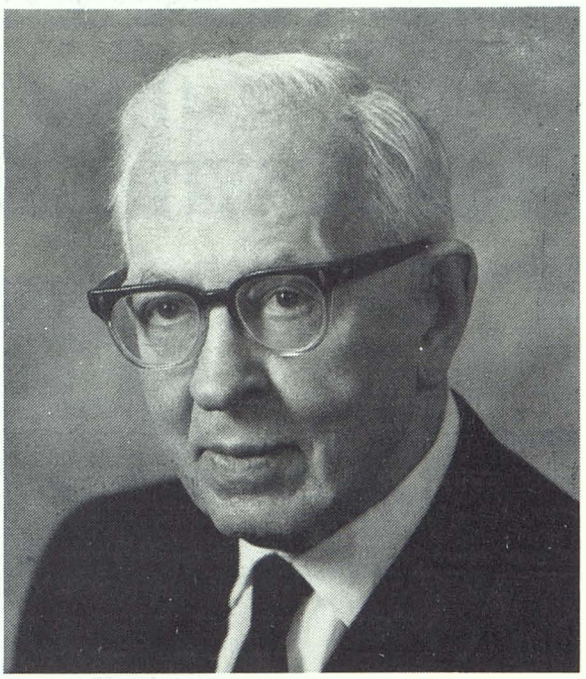
Pedro advertiu os crentes quanto ao advento de heresias condenáveis. (2 Ped. 2:1.) E então, como se para ressaltar uma delas como sendo a mais grave, afirmou que iria surgir a heresia negando o Senhor que nos comprou. Esta é, de fato, a heresia cristã final — negar a divindade do Senhor Jesus Cristo e de sua expiação. Não pode haver cristianismo real e verdadeiro, mesmo com boas obras, a menos que estejamos profunda e pessoalmente comprometidos à realidade de Jesus Cristo como o Filho Unigênito do Pai, o qual nos comprou, adquiriu-nos no grande ato do sacrifício expiatório.

Henry Sackman disse que o "ponto crítico da história está no estábulo de Belém." É incoerente da parte de alguns falar de Cristo como um grande mestre da verdade, e rejeitar seus ensinamentos acerca de quem ele disse que era. Como podia ele ser um grande professor de moral, se mentisse sobre sua identidade? Como poderia ele ter sido um grande professor de moral, prometendo-nos a ressurreição, caso o seu sacrifício expiatório efetuado no Getsêmani e no Calvário não nos tornasse possível a imortalidade?

Vocês, meus jovens amigos, foram chamados a viver nesta época, prevista por Pedro, em que essa heresia atinge um ímpeto feroz. Concluir que Jesus Cristo foi apenas mais um mestre de moral, como um número cada vez maior de pessoas faz, erroneamente, é sugerir que ele nos deu algumas diretrizes úteis, mas não que contenham informações particularmente significativas para esta vida. Jesus foi um grande professor de moral, aliás o maior. (Porém), tudo o que ensinou é verdadeiro, inclusive seus ensinamentos quanto a sua identidade, nossa mortalidade, e nossas responsabilidades individuais.

Paulo observou: "Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens." (1 Cor. 15:19.) Parte da razão da desesperança geral e da alienação que há no mundo hoje, é o fato de alguns terem uma esperança só nesta vida. O ministério de Jesus deu-nos tudo: vida, através de sua expiação, assim como as verdades, padrões e mandamentos, essenciais para felicidade nesta existência. Jesus garante nossa responsabilidade individual. Somente quando entendermos o ministério de Jesus Cristo, ministério esse em que ele teve preeminência também no mundo pré-mortal, começaremos a compreender a extensão da obra do Salvador em lugar e a favor de todos nós.

Se vocês já pensaram sobre a consciência que os profetas do Velho Testamento tinham de Cristo, leiam as palavras de Paulo aos Hebreus — de como Moisés rejeitou a vida fácil e regalada na corte do Faraó, porque considerou "... por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito..." (Heb. 11:26.) Jacó assegurou-nos de que todos os santos profetas, inclusive, é claro, os do Velho Testamento, creram em Cristo e adoraram o Pai em seu nome. "Pois para esse fim escrevemos estas coisas: para que saibam que conhecíamos o Cristo e tínhamos esperança em sua glória muitos séculos antes de sua vinda; e não somente nós tínhamos essa esperança, mas também todos os santos profetas que viveram antes de nós.



Poderá haver... aqueles entre nós, que não são fiéis, que se desviam do caminho de seus pais. Mas no que tange aos santos dos últimos dias, a maioria não se afastará da fé professada por seus ancestrais.

Élder Joseph Fielding Smith

Pois que eles acreditavam em Cristo e adoravam ao Pai em seu nome..." (Jacó 4:4-5.)

É impossível compreender o que aconteceu no Calvário, sem entendermos algo do que ocorreu no Getsêmani. Da mesma forma, o nascimento em Belém deve ser ligado ao significado da tumba vazia, que indicou a ressurreição de Jesus Cristo. O ministério do Mestre não pode ser completamente entendido também, a menos que compreendamos o seu ministério neste hemisfério, às outras ovelhas,

que não se encontravam no aprisco de Jerusalém. (V. João 10:16; 3 Néfi 15:17, 21-24.) Quando mais se entende o ministério de Jesus Cristo, mais absurda parece a idéia de não considerá-lo como o Filho de Deus, ressuscitado.

A mensagem de Jesus Cristo, assim como a seu respeito, é tão fundamental e tão crucial para a humanidade, que é mister ser conservada extremamente pura e simples. É igualmente importante que todos nós, os discípulos e seguidores do Salvador, vivamos de tal maneira que nossa vida seja um testemunho, através de nossas obras e nossas palavras, de que somos verdadeiros crentes.

Paulo, escrevendo a Tito, instou: "Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade,

Linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de vós." (Tito, 2:7-8.)

É vital que vocês, jovens adultos, sejam um padrão de boas obras, e que não dêem aso para que outros os condenem. Todavia será, e é, a parcela dos seguidores do Mestre, conhecer o aguilhão pungente do mal-entendido e do falso testemunho.

Já falei a respeito de meu chamado para ministrar entre os Doze há muitos anos. Naquela época, uma das Autoridades Gerais que eu admirava e amava de forma toda especial era o presidente Stephen L. Richards. Ainda me sinto da mesma forma a respeito dele. Uma das muitas coisas importantes que ele falou relacionara-se ao que significa ser um verdadeiro seguidor de Cristo: "A despeito do aspecto prosaico deste assunto, já me convenci, há muito, meus irmãos e irmãs, de que a coisa mais desafiadora, dramática e vital, em nossa vida é esta: guardar os mandamentos. Isso põe à prova toda a fibra de nosso ser. É, de uma única vez, a demonstração de nossa inteligência, conhecimento, caráter e personalidade."

Pode parecer-lhes, às vezes, meus jovens irmãos e irmãs, que é uma coisa corriqueira ouvir repetidas vezes, que devem guardar os mandamentos. Mas, fazer isso, como disse o Presidente Richards é a coisa mais desafiadora, dramática e vital de nossa vida. Digo que somente o verdadeiro comportamento cristão proporcionará a felicidade aos homens, e sua real segurança.

Há mais de meio século atrás, o élder Joseph Fielding Smith observou que havia uma tendência de alguns dizerem que os membros antigos da Igreja é que eram fiéis, mas que a geração nascente se afastava dos padrões. Quanto a essa tendência, o élder Smith disse, pessoalmente, em 1925: "Estou aqui para testificar-vos que tal não é verdadeiro. Poderá haver, é claro, aqueles entre nós, que não são fiéis, que se desviam do caminho de seus pais. Mas no que tange aos santos dos últimos dias, a maioria não se afastará da fé professada por seus ancestrais."

Endosso e partilho dos sentimentos do presidente Smith, de confiança na maioria de nossa juventude e jovens adultos, mesmo nesta época de terrível tentação, quando os "... corações dos homens falharão..." (v. D&C 45:26) e perderão a coragem. Por causa da confiança que tenho em vocês, permitam-me dar-lhes alguns conselhos, brevemente, e com amor.

Vocês vivem em uma época de guerras e revoluções. E ainda assim, como disse o Presidente Brigham Young, o mundo irá revolucionar-se com a pregação do evangelho e o poder do sacerdócio. E nós somos chamados a fazer essa obra. Mulheres e homens, guardar os mandamentos é o avanço mais revolucionário do mundo, apesar de quase sempre o menos notado e menos deslumbrante.

Não se desencorajem, em meio a todos os acontecimentos de nossa época, se sua vida parecer insignificante. Phillips Brooks (1835-1893, bispo episcopal americano) observou: "A grandeza, afinal de contas, parece não ser tanto um tamanho definido, como uma qualidade específica da vida humana." Poderá fazer-se presente na vida de pessoas cuja influência é limitada. Asseguro-lhes que sua vida pessoal tem um significado eterno. E mesmo que, às vezes, a extensão da influência de sua vida possa parecer muito pequena, haverá grandeza na qualidade. Prometo-lhes mais ainda, que onde há essa qualidade, suas oportunidades de serviço e bondade excederão seus sonhos mais acalentados. Sempre há mais trabalho à nossa volta do que conseguimos fazer. É importante, nesta época de preparação, que vocês façam tudo o que puderem para amealhar as verdades, a informação, e as habilidades que acompanham a vida cristã. Apliquem o que aprenderem. O mesmo Phillips Brooks disse: "Os montes estão cheios de mármore, antes que o mundo floresça em estátuas." *(Literatura e Vida.)* Deve existir em vocês um conjunto dessas qualidades básicas de bondade que irão permitir ao Senhor fazer sua própria escultura em sua alma. Usem, portanto, os talentos que têm. Usem as oportunidades de serviços que estão à sua volta. Usem as oportunidades que têm de aprender, separando sempre o trigo do joio. Aprendam a ser eficientes, primeiro no pequeno universo humano que compreende sua família, se desejam preparar-se para agir e contribuir com a humanidade, a grande família humana. Não se surpreendam se os líderes da Igreja continuarem a ressaltar a importância da instituição familiar, quando tantos pensam de outra maneira.

Não se surpreendam se todas as coisas não lhes são imediatamente compreensíveis, e se há fatos que precisam ser aceitos pela fé, na esperança do dia em que o obscuro se torne claro, em que o dever que agora parece um fardo se transforme em deleite. Não se embaracem se, por vezes, houver aqueles no mundo que façam zombarias acerca de seu comportamento e crença, dizendo que tudo é falso, mas que, no fundo, de fato, temem que seja verdade o que vocês crêem. Se já houve uma geração de jovens que precisou crer e compreender o significado destas palavras de Paulo, é a sua. Paulo aconselhou: "Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados;

Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos." (2 Cor. 4:8-9.)

Lembrem-se também, estudantes e amigos, de que não podemos ser autosuficientes em todas as coisas por nós mesmos. Pois, como disse Paulo, na mesma epístola aos santos em Corinto: "... a nossa capacidade vem de Deus." (2 Cor. 3:5.)

Muitos de vocês conhecerão pessoalmente uma equivalência da escolha que Moisés teve de fazer, como já explicado por Paulo: "... Moisés... recusou ser chamado filho da filha de Faraó,

Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado." (Hebreus 11:24-25.)

Quão fácil é compreender que os seguidores do Salvador foram instados por Paulo, na época, a "... que sejais sábios no bem, mas símplices no mal." (Romanos 16:19.) Vocês descobrirão que manter-se livres dos emaranhamentos do pecada é mais fácil quando nos não complicamos, e conservamo-nos resolutos quanto a nossa atitude em relação ao pecado.

Por viverem na dispensação da plenitude dos tempos, vocês verão muitas coisas maravilhosas, e serão por demais provados. Aqueles de nós, hoje, que somos apoiados por vocês como profetas,



O mundo irá revolucionar-se com a pregação do evangelho e o poder do sacerdócio.

Presidente Brigham Young

videntes e reveladores, sentimos, em meados de 1978, o mesmo que os antigos irmãos, quando se cumpriu a revelação de "... que os gentios são co-herdeiros, ... e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho." (Efésios 3:6.) Isto foi algo que, conforme disse Paulo, "... noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas." (Efésios 3:5.)

Tivemos a gloriosa experiência de ver o Senhor indicando claramente que chegara o tempo em que todos os homens e mulheres dignos, de todos os lugares, poderiam ser co-herdeiros e participantes da plenitude das bênçãos do evangelho. E quero que saibam, como testemunha especial do Salvador que sou, quão próximo me senti dele e de nosso Pai Celestial, quando compareci, inúmeras vezes, às salas superiores do templo, para ali me dirigindo, alguns dias, várias vezes sozinho. O Senhor mostrou-me claramente o que deveria ser feito. Não esperamos que as pessoas do mundo compreendam tais coisas, porque elas prontamente apresentarão suas próprias razões, ou eliminarão o processo divino de revelação.

Permitam-me encerrar agora, meus irmãos e irmãs, da forma como iniciei, cumprindo meu papel, como testemunha especial de Cristo, e dizendo-lhes, solenemente, com amor, que este é meu testemunho, o primeiro e o último de todos que dele presto, que ele vive. Em nome de Jesus Cristo, amém.

«HANKS, VOCÊ CRÊ EM JESUS CRISTO?»

Élder Marion D. Manks
da Presidência do
Primeiro Quorum dos Setenta

Esta história de natal aconteceu na metade do verão, há alguns anos atrás, em um centro de treinamento naval.

O homem à minha frente na sala tinha muitas divisas em seu uniforme, o que representava longos anos e distinção no serviço; eu era um aprendiz de marinheiro ainda fazendo o treinamento básico. Não obstante, o comandante Hamilton, que me cumprimentara à porta, fora muito atencioso — chamara-me "senhor Hanks", fez-me sentar com cortesia, e ambos conversamos de igual para igual.

O comandante, capelão sênior do grande centro de treinamento, convidara-me a comparecer a seu escritório, a fim de conversar sobre a possibilidade de eu vir a tornar-me um capelão. Expliquei prontamente que, por haver interrompido minha educação universitária para servir como missionário, não era ainda formado, e não me qualificava para ser um capelão, segundo os padrões da Marinha. Ele respondeu-me que poderia conseguir que a Marinha não atentasse para esse fato, desde que minhas outras qualificações fossem boas.

O comandante Hamilton era um homem alto, de aparência robusta, acerca de quem eu, imediatamente, senti respeito e admiração. Soube que ele era um dos sobreviventes do porta-aviões *Yorktown,* afundado pelo inimigo durante a guerra, e que havia permanecido no mar durante muitas horas, antes de ser salvo. Senti-me honrado e humilde por este homem pensar em tal proposta após ter visitado nosso grupo de militares SUD na base.

"Antes de recomendá-lo ao chefe dos capelães, sr. Hanks, faça-me um favor. Fale-me a respeito de sua experiência em sua Igreja, algo que possa ajudar-me a recomendá-lo como alguém qualificado para representar o Senhor como um capelão militar."

Principiei por explicar-lhe toda a minha experiência como jovem criado na Igreja e que me ajudou a preparar para uma oportunidade tão significativa. Falei sobre tudo, desde o começo — desde as primeiras participações, os discursos de dois minutos e meio, o serviço prestado como diácono, mestre, sacerdote, élder, setenta; o escotismo, seminário, instituto, o trabalho como professor na escola dominical, oportunidades de liderança, o serviço missionário.

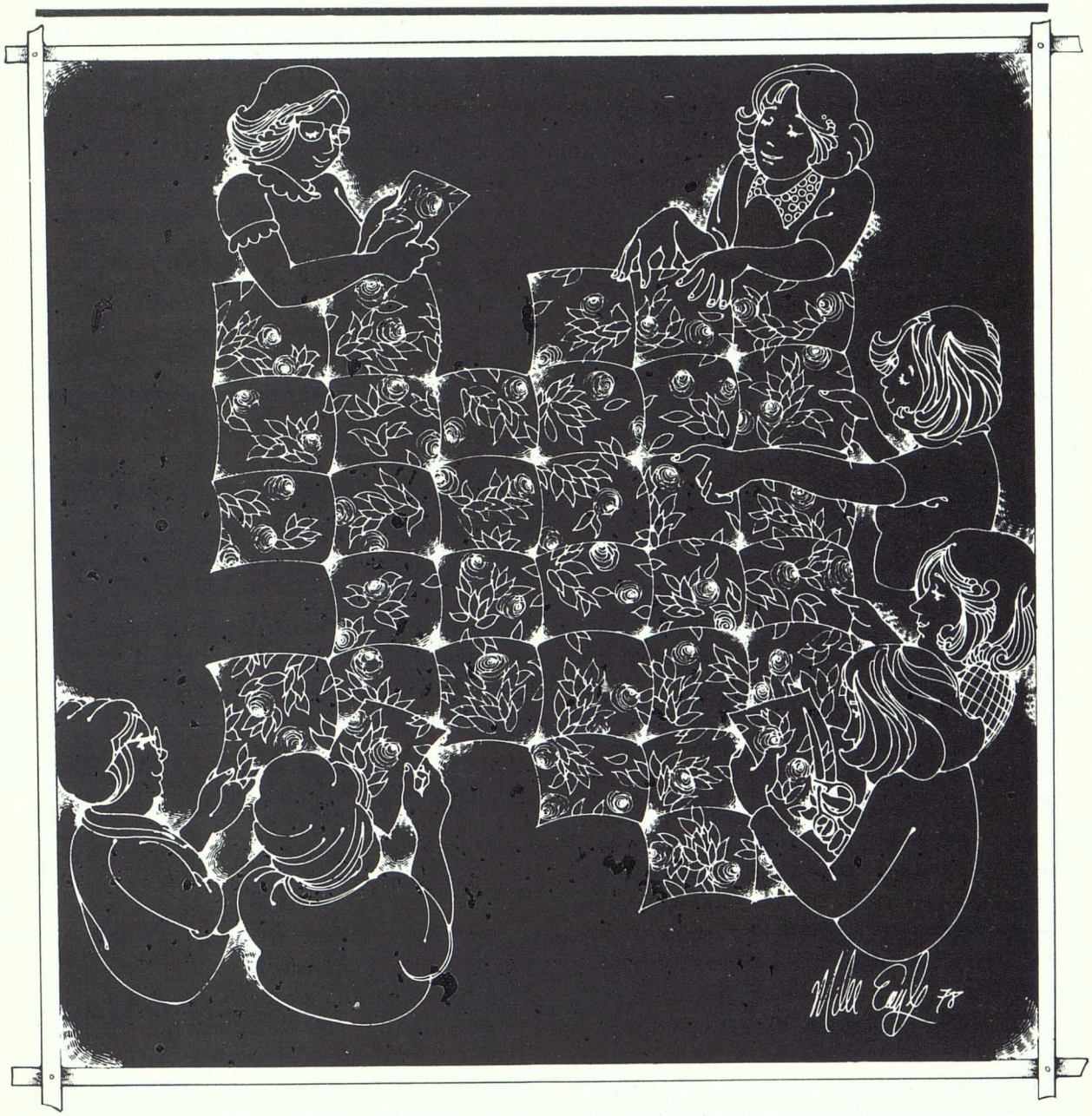
Enquanto eu falava, ele, que até então havia sido tão cortês e bondoso, começou, repentinamente, a ficar irrequieto, a perder o interesse, e eu percebi, como a gente percebe ao tentar estabelecer comunicação direta com as pessoas, que não estava conseguindo atingi-lo. Senti que perdia a batalha, e fui tomado pela ansiedade. Tentei, sinceramente, dizer-lhe que um jovem se desenvolve um servo do Senhor através de oportunidades gradativas de serviço na Igreja.

Depois de algum tempo, seu comportamento modificou-se completamente, ele interrompeu-me e disse, com impaciência: "Diga-me uma coisa, Hanks, você crê em Jesus Cristo?"

"Sim, senhor!" disse-lhe eu. "Tudo o que creio relaciona-se com Jesus Cristo. Minha fé, minha vida, tudo se centraliza nele, como meu Salvador. A Igreja a que pertenço está alicerçada nele e o segue como seu cabeça vivo. A Igreja tem o nome dele."

Disse-me ele, olhando seu relógio: "Bem, você esteve falando durante sete minutos, e não disse nada a respeito disso."

Creio que nunca mais cometi o mesmo erro.



Trabalho de Amor: Perdido - e Achado!

Kim R. Burningham

O natal seria exatamente dali a um mês, e o presente perfeito para os pais de minha mulher estava quase pronto, em nossa sala de visitas, onde reinara por completo durante semanas a fio.

O pai de Susan tinha sérios problemas nas costas, e o casal mandara fazer uma cama especial, bem maior que o tamanho comum, com uma parte dura para o marido, e um lado macio para a esposa, Elaine. A cama quase que ocupava todo o dormitório e, por isso, era um problema todo especial. Elaine reclamava sempre: "Nenhum de nossos acolchoados é grande o bastante. Fica sempre faltando um pedaço da cama para cobrir, ou então o acolchoado escorrega para um lado da cama ou outro. Gostaria de ter um que coubesse nessa cama."

E assim, em outubro, Susan decidiu fazer um acolchoado gigante para aquela cama.

Após ir à cidade várias vezes, ela conseguiu o material necessário, uma flor em motivo bem alegre, em tons rosa-choque, que se combinariam perfeitamente com o dormitório de seus pais. Uma das irmãs da ala aprestou-se em nos ceder seu grande equipamento para fazer acolchoados. E após montarmos todas as peças no seu lugar, e afixarmos o acolchoado a ser tecido, a sala de visitas ficou literalmente tomada. Colocamos o piano no corredor, e distribuímos a mobília pela casa. E recebemos os mestres familiares na cozinha.

Quanto a Susan, ela despendeu todo tempo livre nesse trabalho. Era o seu primeiro, e permanecia horas, até tarde da noite, tecendo o acolchoado. Quando ela vinha dormir, e nos dávamos as mãos para orar, eu podia perceber seus dedos, ásperos, das espetadas de agulha. Mas, vagarosamente, os pedaços foram-se unindo, e o trabalho foi sendo terminado.

Era muito difícil manter em segredo o trabalho, para que fosse, afinal, uma surpresa. Durante todo o tempo, não convidamos os pais de Susan a virem a nossa casa. E isso foi, às vezes, embaraçoso. Certo dia muito frio, Elaine apareceu em nossa porta, querendo alguma coisa. Creio que ela me achou um genro muito esquisito. Susan não estava em casa, e fui eu que atendi. Não a convidei para entrar, e passei objetos para lá e para cá, sempre com a porta fechada. Por fim, ela se foi, obviamente perplexa.

Na noite em que o trabalho ficou pronto, e desarmamos todo o equipamento, Susan estava tão feliz e orgulhosa de seus esforços, que não pôde conter algumas lágrimas de emoção. "Mal posso esperar para ver a reação de mamãe", disse ela.

Mas aquelas poucas lágrimas logo se transformariam em uma torrente, antes do natal.

Na manhã seguinte, depois que eu saí para a escola, Susan colocou o acolchoado só por rematar em um saco plástico, por medida de segurança, e decidiu escondê-lo em um compartimento da casa, que estava sendo reformado. Um marceneiro estava instalando os novos armários embutidos, e ele voltou, naquela tarde, para continuar seu trabalho. O grande saco plástico estava atrapalhando, e ele o colocou na garagem.

Nada havia que eu pudesse dizer para consolar minha mulher. O presente perfeito para o natal estava no fundo do depósito de lixo.

Acho que eu, todavia, fui o verdadeiro culpado. Era a noite de pôr o lixo fora, e após colocar as latas na rua, e esvaziar os cestos de lixo da casa, coloquei todo o lixo em sacos plásticos.

Quando retornei à casa, no dia seguinte, Susan saudou-me com os olhos vermelhos, porém secos. Olhando-me do armário onde estava guardando coisas, disse, calmamente: "Houve uma tragédia hoje."

Então, prorrompeu em lágrimas. Segurei-a em meus braços, enquanto ela chorava, e, finalmente, ela explicou: "Acho que o acolchoado foi para o lixo."

E, de fato, tinha ido. Em lágrimas, Susan contou-me que dera por falta dele por volta de meio-dia. Eu estava fora, a serviço, e não houve meios de comunicar-se comigo. Ela telefonara à mãe, explicou-lhe a respeito do acolchoado, das semanas de trabalho, e do lixo. Ela e a mãe, mais nosso filhinho de dois anos de idade, amolando o tempo todo, foram ao depósito de lixo e procuraram.

Percorreram as pilhas de livo amontoado, às vezes enlameado, trazido para ali pelos caminhões. Havia muitos sacos plásticos, mas nenhum contendo o acolchoado macio com as flores alegres.

"Quando apanharam seu lixo?" perguntou o encarregado.

"Bem cedo, hoje de manhã."

"Provavelmente já está enterrado agora. Nós não perdemos tempo aqui. Lamento muito."

"Muito obrigada, de qualquer forma."

Nada havia que eu pudesse dizer para consolar minha mulher. O presente perfeito para o natal estava no fundo do depósito de lixo. Isso foi dois ou três dias antes que todos pudéssemos sorrir novamente, e, ainda assim, um riso muito hesitante.

Não havia tempo para recomeçar outro acolchoado. Pelo menos, tempo para que uma pessoa recomeçasse.

A história se espalhou rapidamente. Uma vizinha contou a outra sobre a tragédia de Susan. Não demorou muito e a presidente da Sociedade de Socorro bateu à nossa porta.

"Todas decidimos ajudar. E não aceitaremos "não" como resposta. Você consegue o material, e eu terei as mulheres aqui — em turnos."

Susan não conseguiu encontrar o mesmo material cor-de-rosa. Mas comprou um tecido branco, muito delicado, com pequenos morangos vermelhos, dispostos em quadriláteros, perfeitos para tecer acolchoados. Tomamos emprestado o equipamento, novamente, e as mulheres vieram. Um exército de mulheres!

Quando saí de manhã, para a escola, elas já estavam lá, fazendo as agulhas trabalharem. Quando regressei, a quarta turma estava em serviço. As partes iam-se juntando.

Susan maravilhava-se com a rapidez do trabalho de algumas das mulheres; havia outras que trabalhavam mais lentamente. Mas todas se dedicaram com carinho. Várias ficavam o dia todo — parando apenas o suficiente para irem preparar uma refeição, e voltarem. Elas riam-se, enquanto trabalhavam contando histórias. Nós éramos membros daquela ala havia pouco tempo. E rostos ainda desconhecidos tornaram-se amigos e familiares.

Em poucos dias, partiram como chegaram. Era um exército que chegara, vencera, e partira. E nesse movimento, Susan obteve seu segundo acolchoado maravilhoso, sendo que só alguma gotícula ocasionalmente de sangue do dedo de algum soldado servia de evidência da mágica que acontecera em nossa casa.

Agora tínhamos uma verdadeira surpresa para os pais de Susan. Eles sabiam do que ocorrera, e sabiam também que fazer outro acolchoado em tão pouco tempo seria impossível. Muito animados, colocamos o presente em uma caixa relativamente pequena e a embrulhamos. Dessa forma, eles jamais adivinhariam o que continha.

E de fato, não adivinharam. Quando Elaine abriu o pacote na manhã de Natal, e os morangos apareceram tecidos sobre o delicado fundo branco, chorou. Susan também chorou. E, logo, todos estávamos chorando.

Passaram-se seis anos desde aquele natal memorável. Somos inclinados a considerar aquele acolchoado o melhor presente que já demos — ou recebemos.

Os mais importantes e significativos de todos os eventos já ocorridos na história e vida da humanidade são o nascimento, vida, morte e ressurreição do Senhor e Salvador Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, o Pai Eterno.

N. Eldon Tanner

PARALELOS ENTRE O VELHO E O NOVO MUNDO

Estampas para tecidos, estatuetas, pirâmides, brinquedos com rodas e dentaduras são apenas alguns dos objetos encontrados tanto no Velho como no Novo Mundo, com "semelhanças tão notáveis", que torna difícil eliminar uma ligação. Esta foi a mensagem — ilustrada com diapositivos — apresentada pelo Dr. Norman Totten, da Faculdade Bentley, de Boston, na Universidade de Brigham Young. Sua apresentação foi de especial interesse para os santos dos últimos dias: ela apóia a idéia de repetidas viagens oceânicas do Velho para o Novo Mundo — antes de Cristóvão Colombo.

Desenhos de barcos do mesmo estilo — e completamente diferentes dos navios europeus com os quais Colombo "descobriu" a América — foram encontrados, tanto em Creta, como no estado do Texas. O princípio da rosca aparece em ambos os lados do oceano Atlântico. Estátuas mostrando mulheres parecidas, envergando adornos semelhantes na cabeça, argolas no nariz, e colares de moedas foram encontradas nas ilhas San Blás, no Panamá, e no Nepal. A inscrição "Los Lunas" que se encontra ao sul de Albuquerque, no estado de Novo México, pode ser lida em escritos hebraicos ou fenícios.

O Dr. Totten também relatou o trabalho feito pelo Dr. Barry Fell, indicando traços de línguas mediterrâneas, que aparecem na linguagem das tribos indígenas americanas — uma correlação de 50 por cento entre as línguas Líbia e Zuni, por exemplo. Caracteres cartagineses e ibéricos apareceram em pedras, no estado de Vermont. Oggam, um inscrito característico da Irlanda, foi também encontrado em Vermont. O Dr. Totten estabeleceu um padrão característico, que remonta aos primeiros escritos de chineses e egípcios; aparece em Portugal, ao mesmo tempo que no estado de Arkansas, significando sempre a mesma coisa: "um campo de agricultura."

Evidências numismáticas também reforçam a idéia de viagens oceânicas pré-colombianas. Moedas gregas, contendo a efígie de Palas-Atena, e até o detalhe do monstro Cila em seu elmo, foram encontradas em dois lugares, no estado de Arkansas. Siclos da época da Primeira Revolta Judaica, datados de 65 A.D., foram também encontrados no estado de Tennessee, e siclos da época da Segunda Revolta (por volta de 135 A.D.), foram encontrados em quatro localidades diferentes no estado de Kentucky.

Por que, então, com tantas evidências disponíveis de viagens oceânicas no mundo antigo, aprendemos que a história americana começou com Colombo? O Dr. Totten indicou que muitas informações culturais e sobre navegação se perderam, quando as grandes bibliotecas de Alexandria e Cartago — entre outras — foram queimadas pelos soldados de Júlio César. Os fenícios e outros povos navegantes da época, tinham um interesse econômico oculto de manter em segredo as rotas e mapas de correntes marítimas e ventos.

"Mas não sabemos o quanto Colombo conhecia", disse ele. "Temos certeza agora, de que a maioria das pessoas cultas sabia que a terra era redonda. Mas ignoramos o que mais conheciam."

Que Tal Meu Desempenho Como Membro Missionário?

Faça Esse Teste Para Descobrir.

Marvin Gardner
Editor Assistente da Revista *Ensign*

Você realmente gostaria de fazer uma missão, mas seus filhos são pequenos, e você não irá aposentar-se nos próximos trinta anos?

Ou acha que é um insucesso total na obra missionária, porque nunca fez missão de tempo integral?

Ou será que a idéia de trabalho missionário o assusta (ou aborrece-o), porque você não pode imaginar-se falando do evangelho com ninguém?

Tente responder a este teste. Ele poderá apresentar-lhe algumas idéias em que ainda não pensou. E você poderá descobrir que se está saindo melhor do que pensava:

1. Recebo bem os novos vizinhos? Faço e mantenho amizade com eles, quer estejam ou não interessados na Igreja?

2. Observando minha casa, roupas, apartamento ou carro, meu vizinho poderá ver que mantenho elevados padrões de limpeza, ordem e beleza?

3. Meus vizinhos e eu somos amigos o bastante para que possamos ajudar-nos mutuamente, se necessário?

4. Incluo vizinhos não-mórmons em atividades familiares ou da Igreja?

5. Evito fazer mexericos, dizer palavrões ou contar histórias vulgares?

6. Procuro sempre fazer alguma gentileza extra para meu vizinho?

7. Evito assumir ares de superioridade para com os que fumam ou bebem?

8. Se me oferecem uma xícara de café, sei dizer não com delicadeza?

9. Mantenho correspondência com parentes ou amigos não-mórmons?

10. Envio exemplares do Livro de Mórmon, ou assinaturas de A Liahona para meus amigos não-mórmons?

11. Estou economizando dinheiro para uma missão, e meus filhos também têm suas próprias contas de poupança, para suas missões?

12. Estudo regularmente as escritúras?

13. Oro para que nações e pessoas aceitem o evangelho?

14. Sou honesto em meus negócios com outras pessoas?

15. Contribuo para o fundo missionário da Igreja ?

16. Tenho-me esforçado para vencer quaisquer preconceitos raciais ou culturais que possa ter?

17. Oro para receber auxílio, a fim de reconhecer oportunidades de proclamar o evangelho?

18. As pessoas onde trabalho sabem que sou membro da Igreja?

19. Procuro os momentos apropriados para prestar testemunho a outras pessoas?

20. Já orei e escolhi uma família ou amigo não-membro para apresentar aos missionários? Envio referências?

21. Escrevo cartas aos missionários?

22. Evito criticar autoridades da Igreja, ou reclamar das reuniões, projetos de bem-estar, padrões de vestuário etc.?

23. Desenvolvo técnicas missionárias, servindo de boa vontade e bem, como

mestre familiar, professora visitante, ou outros chamados?

24. Ensino aos meus filhos as técnicas básicas de cozinha, serviços domésticos, e outras habilidades que lhes poderão ser úteis, quando forem missionários?

25. Minha família ora e estuda as escrituras em conjunto, e realiza noites familiares semanalmente, preparando-se para missão?

Se você só deu uma olhadela rápida no teste, deve sentir-se aterrado; mas, se realmente fez uma anotação de suas respostas, provavelmente descobriu que há mais *sim* que *não* — e que, em algumas áreas, se tem saído até muito bem.

As idéias do teste podem agrupar-se em cinco espécies de deveres, identificados pelo Departamento Missionário:

1. "Viver — Eu vivo e exemplifico o evangelho de Jesus Cristo."

Apesar de você não precisar fazer algo extra para ser honesto, benevolente e casto, o exemplo é um dos melhores instrumentos missionários. Ernest Eberhard Jr., ex-presidente da Missão da Cidade do Lago Salgado — Utah, diz que quando perguntou às pessoas o porquê de se haverem unido à Igreja, a resposta, quase sempre, começa: "Bem, havia um amigo..." O Presidente Spencer W. Kimball disse: "Nenhum serviço maior poderá ser prestado ao chamado missionário da Igreja, que exemplificar virtudes cristãs positivas em nossa vida." (V. *A Liahona*, abril de 1979, p. 9.)

2. "Orar — Oro para que as portas das nações e dos corações dos homens se abram,"

A oração é também parte de nossa vida. E não é difícil incluir em nossas orações o solicitado pelo Presidente Kimball: "Uma petição sincera, contínua, ao Senhor, para que abra os portais de nações, e abrande os corações dos reis e governantes, a fim de que os missionários possam entrar em todas as terras, e ensinar o evangelho." (Discurso proferido na Conferência de junho, 27 de junho de 1975, p. 3.) Três anos depois, ele instou mais enfaticamente: "Espero ... que, a partir de agora... jamais oremos sem pedir ao Senhor que estabeleça seu programa e torne possível levarmos o evangelho a seu povo, como ele ordenou." (V. A Liahona, abril de 1979, p. 68.)

Trata-se de algo que todos podem fazer, não importa quem sejam, ou onde estejam.

3. "Preparar-se — Eu estou preparando a mim mesmo e a meus filhos para sermos missionários,"

A preparação pessoal para a missão significa manter a idéia fixa em nossa mente, enquanto prosseguimos nossa vida normal; trabalhar arduamente, orar, estudar, economizar dinheiro, manter-se sadio, aprender a amar e servir ao próximo — e ensinar nossos filhos a fazerem o mesmo.

4. "Enviar — Estou enviando dinheiro, exemplares do Livro de Mórmon, assinaturas das revistas da Igreja etc., como obra misisonária."

Fazer contribuições para o fundo missionário, enviar exemplares do Livro de Mórmon, e dar assinaturas de A Liahona como presente aos amigos, são formas de se envolver ativamente an obra missionária, sem sequer sair de casa.

5. "Servir — Estou servindo como membro missionário, confraternizando amigos e famílias de não-membros."

Os primeiros quatro deveres desta lista não interrompem o desenvolvimento normal de nossas atividades. Esta última, porém, requer algum esforço — mas, certamente, vale a pena escolher, através de oração, alguém com quem já tenhamos tido boas experiências, e convidá-lo a saber mais a respeito da Igreja.

UM BOM AMIGO POR PERTO

Quando a família Wilson, não-membro da Igreja, se mudou para perto da família Howard, em Boise, Idaho, Estados Unidos da América, Collette e Chuck Howard dirigiram-se imediatamente à sua casa, a fim de conhecê-los, porque Collette "sentia na ocasião que realmente precisava de um bom amigo por perto."

Um belíssimo relacionamento desenvolveu-se rapidamente: "Pam Wilson queria uma amiga, também — e foi divertidíssimo conhecê-la."

Religião foi um assunto que surgiu quando a família Wilson planejou uma visita aos pais de Pam. Collette incentivou sua amiga a colher informações para uma história da família, durante a visita, e Pam gostou da idéia. Depois disso, Pam foi à Igreja em companhia de Collette algumas vezes, mas, depois, decidiu não ir mais. Ainda eram boas amigas, apesar disso.

Mas quando o pai foi acometido de câncer, Pam começou, de fato, a preocupar-se com a questão da vida após a morte. Devido à proximidade que lhe permitia sentir o que a amiga estava sofrendo, Collette telefonou-lhe certo dia. Ambas falaram acerca da morte e da natureza eterna do espírito — e o testemunho de Pam começou a crescer.

Depois de ir à escola dominical algumas vezes, Pam comentou: "Sabe, ganhei algo."

"Paz?" perguntou-lhe Collette.

"Sim", aquiesceu ela. "Posso até aceitar a morte agora."

Pam foi batizada em fevereiro de 1979 — porque alguém, sinceramente, quis ter e ser amigo.

Proclamar o evangelho aos vizinhos e conhecidos será um processo natural, se você já tiver feito esforço para ser amigo. Se as pessoas recusarem um convite para saber mais, a amizade ainda os manterá unidos. E se aceitarem o convite, e forem batizados, a fraternidade evangélica será uma dimensão a ser acrescida à amizade já existente.

ABERTURA DA TERRA PARA O TEMPLO

Dell Van Orden

Segundo sua admoestação de "alargar os passos", o Presidente Kimball não usou a pá tradicional na cerimônia de abertura da Terra do Templo de Jordan River, a 9 de junho de 1979.

O Presidente Kimball subiu a uma escavadeira mecânica e ergueu a primeira porção de terra. Usando um capacete, tomou os controles da grande máquina, enquanto o povo aplaudia expressando aprovação.

Em seu discurso, disse: "O evangelho proclamado por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, em sua plenitude, tendo sido restaurado à terra para a redenção de toda a humanidade. Ele contém tudo o que Deus tem revelado através dos tempos e que é essencial à salvação e exaltação de seus filhos. Nesta época o Senhor nos fez saber que é sua vontade que templos sagrados devem ser erigidos, devidamente dedicados e por ele aceitos, mantidos puros e imaculados, onde o seu Espírito possa habitar, e onde suas ordenanças possam ser administradas, as quais não podem ser realizadas em nenhum outro lugar.

"Os santos sentem que nenhum sacrifício é grande demais para se erigir uma casa ao Senhor."

ACREDITAR EM SEUS FILHOS

Na segunda-feira à noite, João da Silva chamou seus familiares para a noite familiar. O hino foi cantado, seguiu-se a oração, e o papai, como sempre, deu a aula.

Sendo o instrutor do quorum de élderes, João considerava-se um bom professor. Todavia, sempre que principiava sua aula, João Jr., seu filho de quinze anos, apoiava a cabeça com as mãos e fitava o assoalho. Maria, também adolescente, demonstrava claramente sua irritação, quando o papai falava em "vamos ler só



mais esta escritura." As crianças pequenas tinham de ser repreendidas várias vezes: "Ou vocês sentam-se quietos, ou irão já para a cama!"

Terminada a lição desta segunda-feira, cada um dos filhos seguiu cuidando de seus afazeres. Então, houve esta conversa:

"Não sei o que há de errado com nossos filhos. Simplesmente não prestam a menor atenção ao que tento dizer-lhes", declarou João.

"Isso pode ser parte do problema, João", respondeu-lhe a esposa, "— o fato de *dizer-lhes.*"

"O que você quer dizer? Também acha que não dou uma boa aula?"

"Não é isso, querido. As crianças não gostam de ouvir pregações, especialmente quando têm a idade de João e Maria."

"O que devo, então, fazer?"

"Que tal não fazer coisa alguma na próxima semana?"

"Ficar sem a noite familiar?"

"Não, claro que não. Mas você não faz as coisas, e deixa que eles façam. Assim, eles participam."

"Mas você sabe que tipo de noite familiar vamos ter aqui. Vai ser uma festinha!"

"Talvez durante uma semana ou duas, mas eles logo irão cansar-se disso, também. Por que não lhes dá uma oportunidade?"

A decisão de dar-lhes a oportunidade não foi fácil de tomar. Mas João decidiu delegar as designações aos filhos. Na semana seguinte as crianças tiveram sua vez. E aquela noite foi o ponto crítico das noites familiares da família Silva. Maria organizou tudo. Cada um dos filhos fez alguma coisa, e João Jr. providenciou atividades que envolveram toda a família.

Papai gostou da reunião. E descobriu um benefício ainda mais importante, derivado da participação de toda sua família, quando sua mulher lhe contou que João Jr. dissera, depois: "Sabe de uma coisa, mamãe, acho que pela primeira vez o papai acredita em nós."

O que acontece, quando todos participam da noite familiar?

Cada um contribui com suas idéias e talentos. Isso aprofunda e acrescenta variedade às atividades.

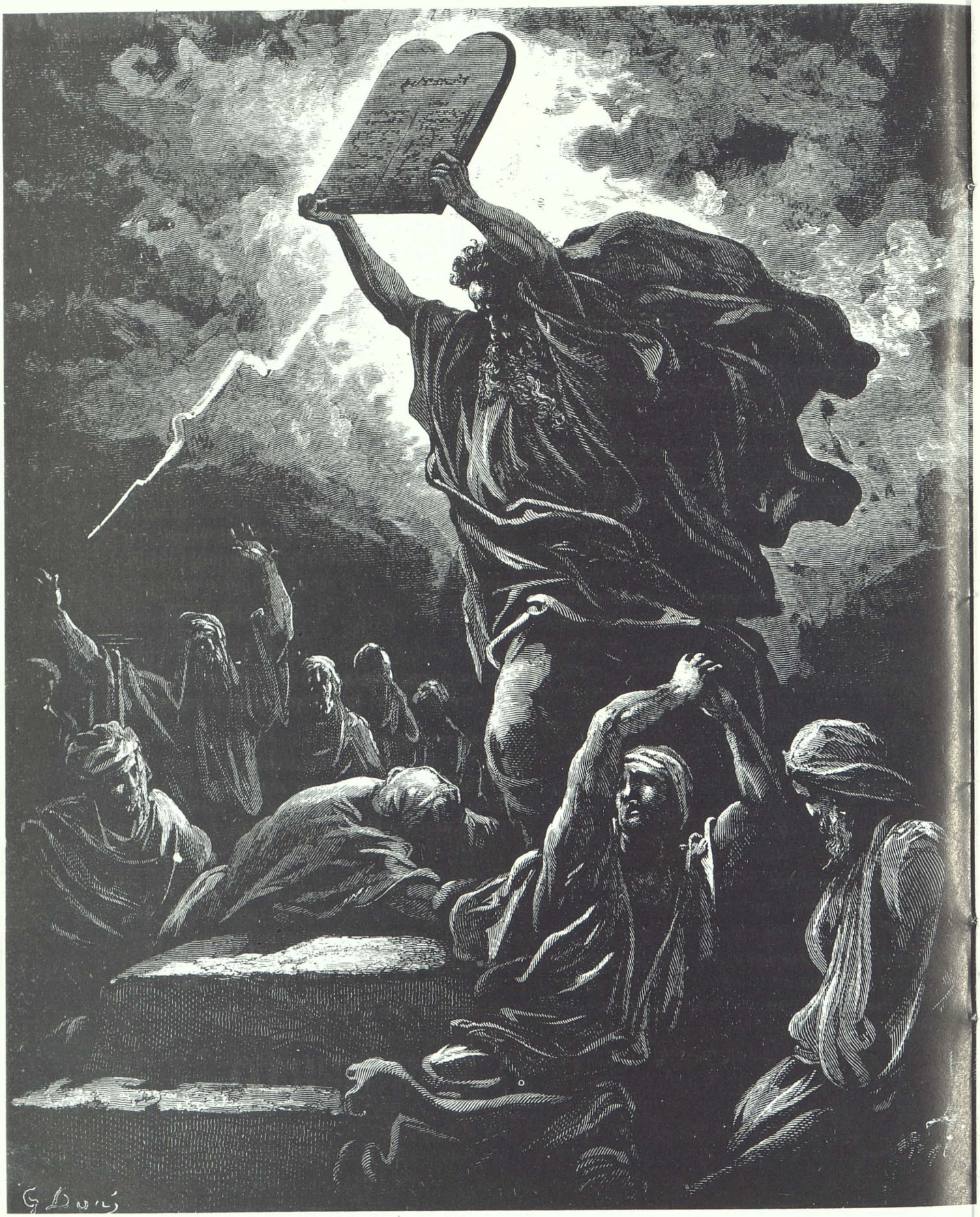
Todos aprendem fazendo. Ouvir como é que se faz um bolo não é a mesma coisa que bater a massa.

A autoconfiança aumenta, à medida que os filhos recebem designações variadas. Deve-se ter cuidado para que as responsabilidades (reger o hino, orar, contar uma história, dirigir a reunião, ler escrituras, apresentar um relato especial, preparar os refrescos e doces) estejam à altura da capacidade dos designados. Deve-se estabelecer um sistema simples, pelo qual haja um rodízio nas designações.

O interesse em uma atividade é elevado, quando cada participante sente que auxilia no sucesso. A noite familiar não será verdadeiramente uma noite familiar, a menos que cada membro receba as bênçãos da participação.

Embora Roma tenha seus Césares, seus grandes artistas e seus gênios; embora Atenas tenha seus conquistadores, seus estadistas e seus filósofos; embora o Egito tenha seus pomposos ditadores e seus implacáveis Faraós, ficou com a pequenina Belém e, mais tarde, com Nazaré e Galiléia, a honra de dar a este mundo sua personagem mais transcendental.

Hugh B. Brown


G. Doré

REPROVAR COM AMOR

Spencer J. Condie

Todos já sentimos, seja dando uma aula na Primária, disciplinando nossos filhos, ou discutindo um problema com nosso marido, ou esposa, que, repentinamente, acontece uma irritação irreprimível, que se transforma em ira. E deixamos nossa língua expor nossa exasperação, e desculpamos nossas paixões sob a égide de "... reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo..." (D&C 121:43.) Mas, nestas horas de emoção, como podemos ter certeza de que nossos sentimentos são, de fato, expressões do Espírito, e não somente nossa ira pessoal?

É sempre difícil saber. Eu diria, entretanto, que, na maioria dos casos, não somos movidos pelo Espírito Santo, se experimentarmos alguma (ou todas) destas características:

1. Nós gritamos.

2. Xingamos ou ofendemos em nossa reprimenda.

3. Sentimos ódio ou raiva da outra pessoa.

4. Procuramos ofender a outra pessoa (inclusive nossos filhos), destruindo sua auto-estima.

5. Achamos que não haverá importância alguma no impacto que nossas palavras tiverem na outra pessoa.

6. Estamos apenas expressando nossa frustração acerca de algo que em nada se relaciona com a pessoa ou o acontecimento.

Por outro lado, podemos ter mais certeza de que somos movidos pelo Espírito Santo, quando —

1. A intensidade da reprovação é apropriada à sua casa.

Quando Joseph Smith repreendeu os guardas na cadeia de Carthage, a intensidade de sua reprovação justificou-se pela linguagem imunda dos guardas, que haviam profanado os sagrados nomes de dois seres divinos. O mesmo aconteceu, quando o Salvador expulsou os cambistas do templo sagrado; suas blasfêmias e sacrilégios evocaram uma reação à altura. Entretanto, uma criança de quatro anos merece mais longanimidade e gentileza para com seus pés enlameados.

2. A mensagem é dolorosa para quem a dá, e para quem a recebe.

Em outras palavras, não estamos por demais ansiosos de descarregar nossas frustrações ou ira em cima de alguém. Se nossa reprimenda foi precedida de "... persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; com benignidade e conhecimento puro..." (D&C 121:41-42), é improvável que haja violência física ou moral.

3. Reprovamos prontamente, sem abrigarmos maus sentimentos.

Quando o Espírito Santo nos motiva a repreender alguém, a reprimenda acontece antes que tenhamos tempo indevido para abrigar maus sentimentos por um longo período. Se somos movidos pelo Espírito Santo, esforçar-nos-emos para reconciliar as diferenças e estabelecer um relacionamento mais aberto e de confiança.

4. Nossa reprovação é seguida de "um amor maior." (D&C 121:43.)

Este amor não pode ser fingido; e deve seguir-se imediatamente à reprovação, e não após várias horas ou dias de frieza e distanciamento. Este reforço deve repetir-se sempre, para que a reprovação não se torne uma barreira para a continuidade do relacionamento.

5. Nós pesamos nossas palavras — e nossos sentimentos — cuidadosamente.

Conhecemos todos os fatos, de modo que podemos falar com "... conhecimento puro, que grandemente (ampliará) a alma, sem hipocrisia e sem dolo." (D&C 121:42.) Não buscamos ofender, fazer as coisas parecerem piores do que já são, nem exagerar o problema. Nosso objetivo é, sinceramente, auxiliar a pessoa e debater o problema específico. Não fazemos com que ela se sinta inferior.

6. Estamos, e estivemos, em sintonia com o Espírito, desde antes da reprovação.

Os pais que interrompem sua própria discussão, para reprovarem os filhos devido à desordem em casa, não estão, com toda certeza, sendo movidos pelo Espírito Santo.

7. Preparamo-nos para a reprovação, orando, sempre que possível.

Certa ocasião, fui chamado para aconselhar uma família com problemas. O pai havia agredido a esposa e os filhos. Várias horas antes de nos reunirmos, pensei acerca do que lhes deveria dizer. Minha intenção seria iniciar desancando aquele marido com palavras duras acerca de sua crueldade para com a família. Porém, na noite em que nos reunimos, vi-me iniciando com: "Fred, eu o estimo muito e sinto especial apreço por sua mulher e filhos. Gostaria de ajudá-lo a edificar um lar eterno." Ele não tinha mais como se pôr na defensiva. Sua mulher não permaneceu interessada em acusá-lo, e ambos estavam ansiosos de assumirem novos compromissos, esquecendo-se do passado desagradável. Estavam em posição de serem ensinados, e receptivos a conselhos específicos.

8. Após a reprovação, sentimos paz dentro de nós mesmos.

Se somos, de fato, movidos pelo Espírito Santo, este nos orientará com relação ao que devemos dizer e como devemos fazê-lo. E, após dizermos, não teremos de que nos lamentar, com respeito ao que foi dito, ou não dito.

«... QUANDO FAZEIS O QUE EU DIGO...»

Harriet S. Halbert

Nosso casamento era maravilhoso, desde que deixássemos de fora a religião, procedimento que estava ótimo para nós dois. Devido a minha infância extremamente infeliz, saí de casa (e da Igreja) aos dezoito anos, e casei-me com Norman, não-membro, quando tinha vinte. E, apesar de não viver minha religião, sentia que o Espírito Santo me guiava e protegia em meu casamento. Norman era uma ótima pessoa, e, apesar de extremamente preconceituoso com respeito à Igreja, concordou em que eu criasse nossos filhos como mórmons. Eu não tinha a menor intenção de pôr os pés de volta na Igreja, mas minhas raízes espirituais deveriam ser mais profundas do que eu imaginava.

Não fomos abençoados com filhos durante quinze anos, e então adotamos um bebê do sexo masculino; dois anos e meio depois, dei à luz um filho. Quando Carlos completou três anos, levei-o à Escola Dominical, porque eu decidira que meus filhos seriam levados, e não enviados, como eu fora. Minha intenção não era a de participar; eu só queria que meus dois meninos tivessem uma boa formação religiosa. Um de meus dizeres favoritos era: "Meus maus hábitos não prejudicam ninguém, a não ser eu mesma, mas, se eu aceitar um chamado na Igreja, viverei plenamente os padrões." Sentia-me segura, já que não pretendia aceitar chamado algum. Mas, quando Estevão estava para completar três anos, fui chamada para dar aulas às crianças de sua idade na Escola Dominical Júnior. Aceitei o chamado com grande relutância; Estevão não iria à Escola Dominical

sem mim, e, assim sendo, caí numa armadilha. E comecei a viver a Palavra de Sabedoria e todos os outros mandamentos da melhor maneira que pude.

Aos poucos, fui descobrindo que o evangelho era o que eu queria e precisava para minha família. Ganhei um forte testemunho, passei por um árduo período de arrependimento, e dediquei minha vida ao Senhor. Em 1956, recebi minha bênção patriarcal, e, nela, a confortadora promessa: "Se fores fiel e perseverares em oração, o Senhor irá adiante de ti, e pelo seu mensageiro preparará o caminho para que, no devido tempo, o desejo justo de teu coração, e a oração de tua vida, sejam satisfeitos, e tudo estará bem."

Que felicidade conheci então! Apesar disso, não foi sem tristeza, porque meu querido esposo não participaria dela. Obstinada, tentei forçá-lo a aceitar o evangelho. Eu queria que ele compreendesse e aceitasse esta coisa maravilhosa que eu havia encontrado. Aos trancos e barrancos, chegamos à beira do divórcio, em 1958.

Esta crise humilhou-me por completo, e eu despendi muito tempo orando, e colocando o assunto nas mãos de meu Pai Celestial. Eu sabia que não deveria mais forçar a situação, nem fazer com que meu marido sentisse culpa por não freqüentar a Igreja conosco. E propus-me a estabelecer um lar verdadeiramente feliz para ele. Resolvi ser uma esposa amorosa e exemplar de todas as maneiras possíveis, e permitir que ele usasse seu livre arbítrio. Norman, sendo um homem de palavra, manteve seu acordo de deixar que eu criasse os meninos na Igreja. Isso foi admirável, porque seus preconceitos contra a Igreja remontavam à sua infância. Meus filhos e eu aceitamos todos os chamados para servir na Igreja, e sempre retornávamos à casa sorrindo felizes e demonstrando amor ao papai. Oramos por ele, jejuamos por ele, mas, acima de tudo, amamo-lo. Ele sempre esteve à testa da família.

Eu senti que deveria conhecer bem o evangelho, a fim de responder a quaisquer perguntas que Norman pudesse fazer, e, assim, estudei diligentemente durante quatorze anos — e, quanto mais eu aprendia, mais importante o evangelho se tornava. Falei-lhe sobre ele só quando movida pelo Espírito, e muitas vezes recebi inspiração específica quanto ao que dizer e quando dizê-lo. Explicar em apenas algumas sentenças o que foram esses quatorze anos seria impossível. Houve muitos fracassos, e muito sofrimento, mas os meninos e eu nunca deixamos de viver o evangelho.

Em 1967, Norman filiou-se a uma fraternidade de serviço religioso, e fiquei preocupada que isto pudesse ser mais uma barreira a sua conversão. Energicamente, expressei-lhe minhas objeções, dizendo-lhe que isso o levaria a ter mais preconceitos contra a Igreja. Quando me respondeu que não tinha preconceitos, perguntei-lhe: "Você seria tolerante o suficiente para ir conosco à Igreja?" Ele não me replicou, porém, mais tarde, naquele mesmo dia, disse-me que se eu realmente queria que ele fosse, ele iria. Dessa forma, ele começou a freqüentar a aula dos pesquisadores na Escola Dominical, e depois de um ano, freqüentava, também, a reunião sacramental. Logicamente, os meninos e eu nos deleitamos, e seremos eternamente gratos aos membros da ala, pela maneira como o receberam, e fizeram com que se sentisse parte do grupo. Através daquele ano, pude perceber que havia uma grande luta interior em meu marido. Ele questionou muitas doutrinas. (Posteriormente, quando lhe perguntamos qual foi o fator mais importante em sua conversão, ele disse que sua família lhe significava mais que tudo, e que essa caracterísitca da Igreja, voltada para a família, lhe foi muito atraente. Além disso, ele não foi capaz de provar que o evangelho estava errado, e assim, decidiu que deveria ser certo.) Senti-me grata, também, por termos sido convidados a comparecer a

muitas atividades sociais nas casas dos membros da ala, e Norman descobriu que podíamos divertir-nos muito, sem os tradicionais coquetéis. Ele sustentou os dois rapazes na missão, e fez pequenos discursos na reunião sacramental antes de partirem.

Mas foram as palavras inspiradas do élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, pronunciadas na conferência da Sociedade de Socorro, no outono de 1971, que me deram a coragem de dizer ao meu marido como eu me sentia a respeito de sua filiação à Igreja. Entre outras coisas, o élder Packer disse:

"Tenho dito muitas vezes que o homem não consegue resistir, quando a mulher realmente quer que ele se filie à Igreja, se ela sabe como incentivá-lo...

Se tiverem fé bastante e desejo suficiente, vocês ainda terão à testa de sua família um pai e marido que é ativo e fiel na Igreja.

Algumas que há muito perderam a esperança, observaram amargamente: 'Seria preciso um milagre.' Digo eu: Por que não? Por que não um milagre? Haverá propósito mais merecedor do que esse?...

Repito, se o marido de vocês não se sente em casa na capela, então façam tudo o que puderem, para que ele se sinta na Igreja, enquanto está em casa...

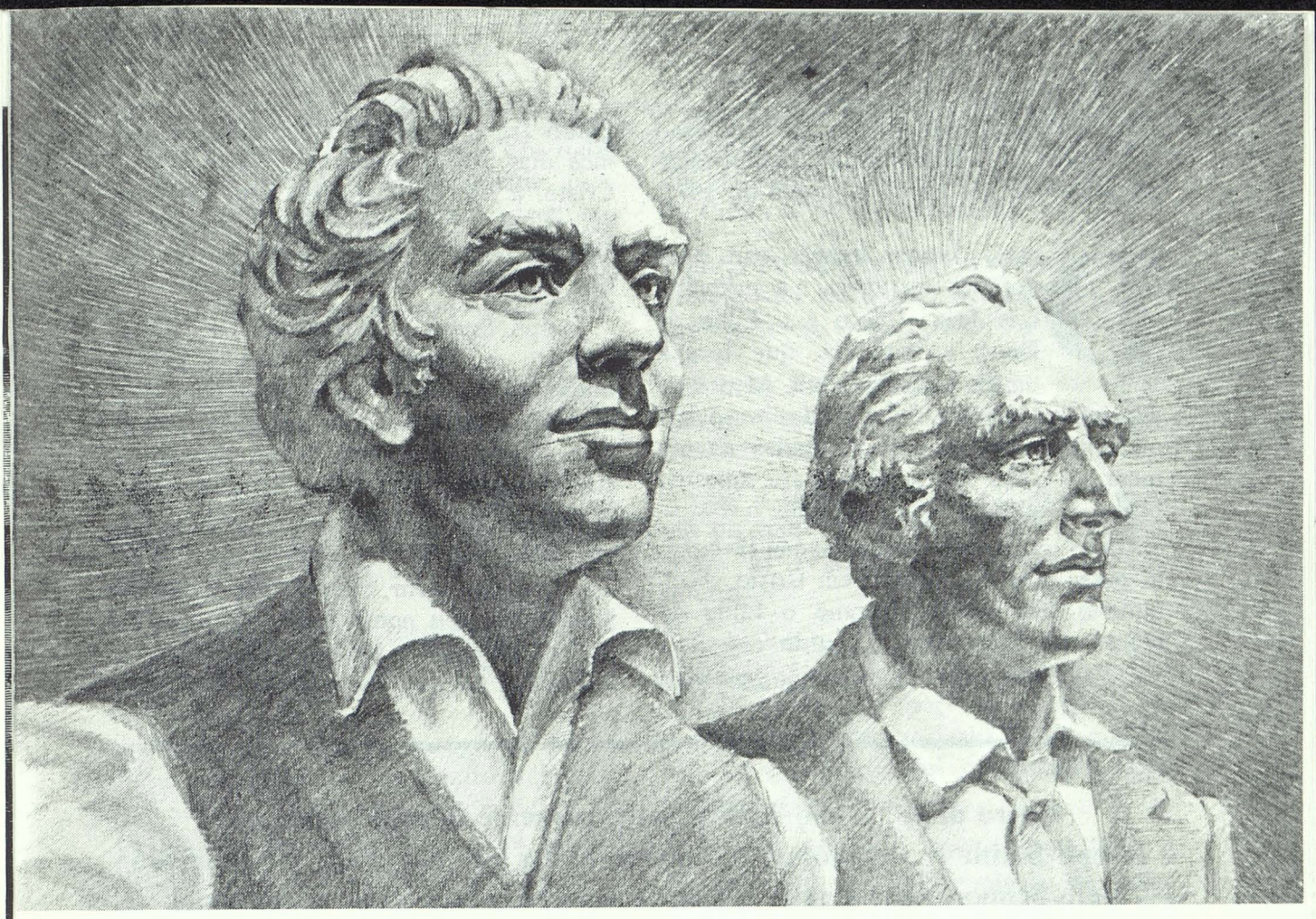
Irmãs, façam com que (seus maridos) vejam o valor do Evangelho e, depois, levem-nos a perceber que é esse o seu propósito...

Eles precisam saber, é preciso que lhes contem o quanto o Evangelho significa para vocês..." ("Comecem por Onde Estão — No Lar", A Liahona, julho de 1972, pp. 12, 14, 16.)

Ora, um apóstolo do Senhor falando-me que dissesse a meu marido o que me significaria sua aceitação do evangelho! Que tarefa! Era um assunto jamais mencionado em nossa casa, a menos que meu marido falasse a respeito primeiro. Chorei, tentando imaginar como eu poderia fazê-lo. Então, lembrei-me da escritura: "Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10.) Decidi jejuar, orar e confiar no Senhor mais uma vez. Demorei até janeiro de 1972 para reunir a coragem e falar.

Então, certa noite, perguntei a Norman se ele achava que iria aceitar o evangelho. Respondeu-me um firme e polido não. Respirando fundo, disse-lhe quanto eu e nossos filhos o amávamos, que pai e marido bom ele havia sido; mas, disse eu, não fora capaz de dar-me o que eu mais quis na vida. Bem, eu falei! Um apóstolo do Senhor disse-me que o fizesse. Em seis meses, a partir daquela noite, após trinta e sete anos de casamento, Norman foi batizado. Aconteceu realmente o milagre.

Relembrando os meses seguintes àquela conversa de janeiro, posso visualizar as muitas coisas que aconteceram para tornar isso possível. Alguns amigos da Cidade do Lago Salgado deram a Norman o livro *No More Strangers (Não mais estrangeiros),* de autoria de Hartman e Connie Rector, e o desafiaram a tomar seu lugar, à testa de sua família, e a portar o sacerdócio. Logo após a despedida de nosso filho mais jovem, que partiu em missão, oportunidade essa em que Norman fez um pequeno discurso, o professor da Escola Dominical desafiou-o a batizar-se. Estevão escreveu cartas de incentivo e pediu ao pai que lesse o Livro de Mórmon. Douglas também lhe prestou testemunho. Apesar de Estevão ter deixado um pai não-membro, quando partiu, em 1972, regressou, em 1974, para encontrá-lo, sentado ao púlpito como segundo conselheiro do bispado.



Clássicos dos Profetas dos Últimos Dias

O PRIMEIRO PROFETA DA ÚLTIMA DISPENSAÇÃO

Presidente Joseph Fielding Smith

(Introdução a: O Primeiro Profeta da Última Dispensação)

Joseph Fielding Smith tornou-se o décimo presidente da Igreja com a idade de noventa e três anos, no dia 23 de janeiro de 1970. A despeito de sua idade avançada, era forte e lúcido, até sua morte, aos noventa e cinco anos, em 2 de julho de 1972. Foi o mais prolífico autor de livros e artigos acerca de assuntos doutrinários, durante os sessenta e dois anos em que serviu como Autoridade Geral. Nasceu a 19 de julho de 1876, na Cidade do Lago Salgado, Utah, filho de Joseph Fielding Smith e Julia Lambson. Era neto de Hyrum Smith, irmão mais velho do Profeta Joseph. Foi ordenado apóstolo em 7 de abril de 1910, por seu pai, Joseph F. Smith, então sexto presidente da Igreja. Foi apoiado como presidente em exercício do quorum dos Doze Apóstolos aos 30 de setembro de 1950; foi apoiado como presidente do mesmo quorum em 9 de abril de 1951. Tornou-se conselheiro do presidente David O. McKay em 29 de outubro de 1965, e serviu nessa posição até o ano de 1970.

Este discurso foi proferido na dedicação do Centro de Visitantes em Independence, Missouri, no dia 31 de maio de 1971.

Desejo chamar atenção para duas grandes verdades: a primeira, que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e, segunda, que Joseph Smith é um profeta. Menciono a primeira — que é uma das verdades mais grandiosas jamais reveladas ao homem — como introdução para que eu preste testemunho da segunda.

Digo, tão clara e poderosamente quanto possa, que nós cremos em Cristo. Aceitamo-lo sem reservas, como o Filho de Deus e o Salvador do mundo.

Cremos que ele veio ao mundo para libertar os homens da morte temporal e espiritual, ambas introduzidas através da queda de Adão, e temos em nossos corações gratidão ilimitada pelo fato de que, através do derramamento do sangue de Cristo, todos os homens serão levantados em imortalidade, ao mesmo tempo que os que crerem e obedecerem a suas leis serão levantados, também, para a vida eterna.

Cremos que a salvação veio, vem, e virá, por intermédio e no próprio sangue da expiação de Cristo, o Senhor Onipotente, e que não há outro nome dado, debaixo dos céus, pelo qual os homens possam tornar-se herdeiros da glória eterna nos reinos do porvir.

Quero dizer também, tão clara e poderosamente quanto possa, que Joseph Smith Jr., o profeta e vidente destes últimos dias, foi chamado pelo Senhor Jesus Cristo, a fim de inaugurar esta dispensação final, e restaurar, pela última vez sobre a terra, a plenitude de seu evangelho eterno.

Joseph Smith é o revelador do conhecimento de Cristo e da salvação para o mundo, neste dia e nesta geração. O Senhor disse-lhe: "... esta geração receberá a minha palavra por teu intermédio." (D&C 5:10.)

Quando Morôni veio até Joseph Smith, há quase cento e cinqüenta anos atrás, como personagem ressuscitado, disse a Joseph que seu nome seria tido por bom ou por mau entre todas as nações, tribos e línguas, ou que seria conhecido e falado, por bem ou por mal, entre todos os povos. (V. Joseph Smith 2:33.)

Quero dizer... tão clara e poderosamente quanto possa, que Joseph Smith Jr., o Profeta e Vidente destes últimos dias, foi chamado pelo Senhor Jesus Cristo, a fim de inaugurar esta dispensação final, e restaurar, pela última vez sobre a terra, a plenitude de seu evangelho eterno.

Quinze anos mais tarde, o próprio Senhor aludiu a essa promessa, dizendo ao Profeta: "Os confins da terra inquirirão pelo teu nome, e tolos zombarão de ti, e o inferno contra ti se enfurecerá;

Enquanto os puros de coração, e os sábios, e os nobres, e os virtuosos, procurarão conselho, e autoridade, e bênção de tuas mãos continuamente." (D&C 122:1-2.)

Eu, pessoalmente, desejo ser contado para sempre entre aqueles que buscam o conselho, autoridade e bênçãos, advindas deste grande profeta, a quem o Senhor suscitou para iniciar a restauração de todas as coisas, nesta dispensação final e gloriosa do evangelho.

E me apraz testificar que, à medida que se passam os anos, pessoas em todas as nações voltam-se, continuamente, para Joseph Smith e o evangelho restaurado por seu intermédio, a fim de encontrarem paz nesta vida, e obterem uma esperança de vida eterna no mundo vindouro.

No dia 6 de abril de 1830, tão logo a Igreja foi organizada, o Senhor, falando de Joseph Smith, disse à Igreja: "...devereis atender a todas as suas palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber, andando em toda santidade diante de mim;

Pois suas palavras recebereis como de minha própria boca, em toda paciência e fé.

Pois, assim fazendo, as portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus dispersará diante de vós os poderes da escuridão, e fará sacudir os céus para o vosso bem e para a glória do seu nome.

Pois, assim diz o Senhor Deus: Eu o inspirei para promover a causa de Sião com grande poder e para o bem, e a sua diligência eu conheço, e suas orações ouvi.

Sim, seu pranto por Sião eu vi, e farei com que ele não mais se lamente por ela; pois chegados são os dias do seu regozijo, devido à remissão dos seus pecados e às manifestações das minhas bênçãos sobre seu trabalho.

Pois eis que a todos os que trabalham na minha vinha abençoarei com grandiosa bênção, e eles crerão nas suas palavras, as quais lhes são dadas através de mim, pelo consolador, o qual manifesta que, pelos pecados do mundo, foi Jesus crucificado pelos pecadores, sim, para remir os pecados aos de coração contrito." (D&C 21:4-9.)

À luz destas declarações reveladas, digo eu —

Que Joseph Smith é aquele a quem todos os homens devem buscar neste dia, a fim de aprenderem a verdade a respeito de Cristo e de seu evangelho;

Que, no devido tempo, o nome desse profeta será conhecido em todos os confins da terra, e entre todos os povos;

Que os honestos de coração irão aceitá-lo como um profeta, e adorar o Senhor a quem revelou;

Que a Igreja por ele organizada, através de mandado divino, prospera, porque segue as revelações advindas por seu intermédio;

E que todos os que crêem nos ensinamentos de Joseph Smith e trabalham no curso estabelecido por ele, chegarão ao conhecimento de que Jesus Cristo é o Filho de Deus, que foi crucificado pelos pecados do mundo.

Da mesma forma que sei que Jesus é o Cristo — e isso por revelação do Santo Espírito — sei que Joseph Smith é, foi e será, eternamente, um profeta de Deus.

Reverencio e honro seu nome. Juntamente com seu irmão, meu avô, o patriarca Hyrum Smith, ele selou seu testemunho, com o seu sangue, na cadeia de Carthage. E eu desejo ser um instrumento nas mãos do Senhor, para fazer com que os confins da terra saibam que a salvação está disponível novamente, porque o Senhor levantou neste dia um poderoso vidente, a fim de restabelecer seu reino sobre a terra.

Em espírito de testemunho e gratidão, encerro, com estas palavras inspiradas, extraídas de Doutrina e Convênios: "Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção só de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo, do que qualquer outro homem que jamais viveu nele..." (D&C 135:3.)

Em nome do Senhor Jesus Cristo, amém.

O ÚNICO NO PASSO CERTO

David Hugh Birley

Quase todos já ouviram a história da avozinha orgulhosa que, observando seu neto desfilar na parada em meio a outros soldados, exclama: "Vejam! Todos estão com o passo errado, menos o João!" Trata-se de uma antiga anedota, utilizada para mostrar como a cara senhora se recusava a notar a imperfeição de seu neto; após ouvi-la, arquivei-a no fundo de minha mente, e não mais pensei a respeito. Não mais pensei, quer dizer, até certo dia em que estava tocando o bumbo na banda de cadetes da escola universitária em Victoria, Columbia Britânica, Canadá.

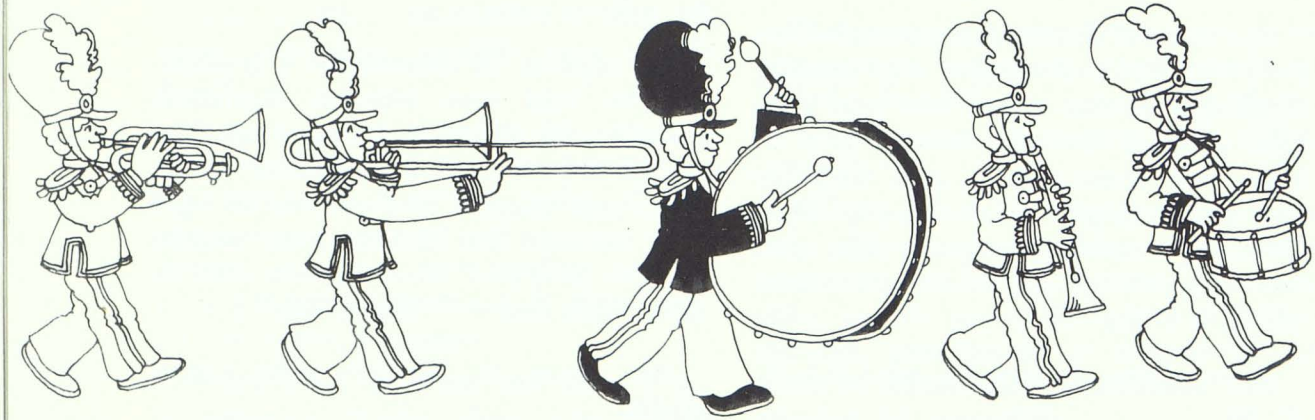
O tocador de bumbo enverga uma correia aos ombros, a fim de carregar seu instrumento. Ao marchar, ele caminha tal como uma pessoa comumente faria, de modo que sua mão direita vai à frente para bater no bumbo, quando seu pé esquerdo pisar o chão (e vice-versa.) Isso é importante, porque a posição pé esquerdo-mão direita marca o início de cada compasso da música.

Outra coisa: o bumbo é enorme. O que eu tocava era tão grande, que eu mal conseguia ver à frente por cima dele. E não podia ver os pés dos outros componentes da banda à minha frente. Eu dependia da música, e da posição pé esquerdo-mão direita, para manter-me no passo certo.

Ensaiávamos para nossa inspeção anual. Os cadetes sempre marchavam pela rua interna da escola, seguindo até o estádio onde entravam em forma para a inspeção. A banda ia à frente do desfile, seguida pelos pelotões em fileira tripla.

Todos acompanhavam o ritmo para manterem seus passos na cadência.

O sr. Genge, um veterano do exército britânico, da época da campanha da África do Norte quando da segunda guerra mundial, dirigia as manobras de toda a parada. Mas os membros da banda prestavam atenção especial ao homem do tambor-mor. Chamávamo-lo Brown I (tínhamos quatro colegas de nome Brown na escola, e assim os chamávamos Brown I, II, III e IV, e os apelidos pegaram.) Brown I era alto, com mais de um metro e noventa. Ele levava a grande batuta prateada, ou "maça"; decidia quais



músicas tocaríamos e, girando rapidamente e apontando a maça em direções diferentes, dava suas instruções à banda.

O sol da manhã reluzia seus reflexos em nossos instrumentos polidos. Nossos uniformes engomados faziam-nos impecáveis.

O sr. Genge gritou, com sua voz possante, o comando mais do que conhecido: "Companhia, virar à direita em coluna de três; direita, MARCHEM!"

Desta vez, porém, algo aconteceu de errado. Brown I iniciou com o pé errado. Ele nunca fizera isso antes, mas agora, lá estava ele, em frente de toda a banda, com o passo errado!

Uma reação em cadeia assomou, rapidamente, em todas as fileiras. A primeira fila de músicos, achando que estava com passo errado, por não marchar igual a Brown I, mudou o passo, a fim de acompanhá-lo. As demais filas fizeram o mesmo, rapidamente — todos, com exceção do tocador de bumbo. Lembrem-se, eu não podia ver muita coisa adiante do bumbo, e, assim, não sabia que estava com o passo diferente. Eu só escutava a música e acompanhava o ritmo.

"Birley, você está com passo errado", sussurrou o tamboreiro da minha esquerda.

Continuei marchando mais um pouco, sentindo o ritmo da música. Eu sabia que estava certo. "Não, não estou!" sussurrei-lhe de volta.

"Birley, você está com o passo errado!" Desta vez foi Price, à minha direita. "Não, não estou!" insisti. Encolhi-me, ao escutar a voz do sr. Genge, um tanto mansa: "Birley, mude o passo!"

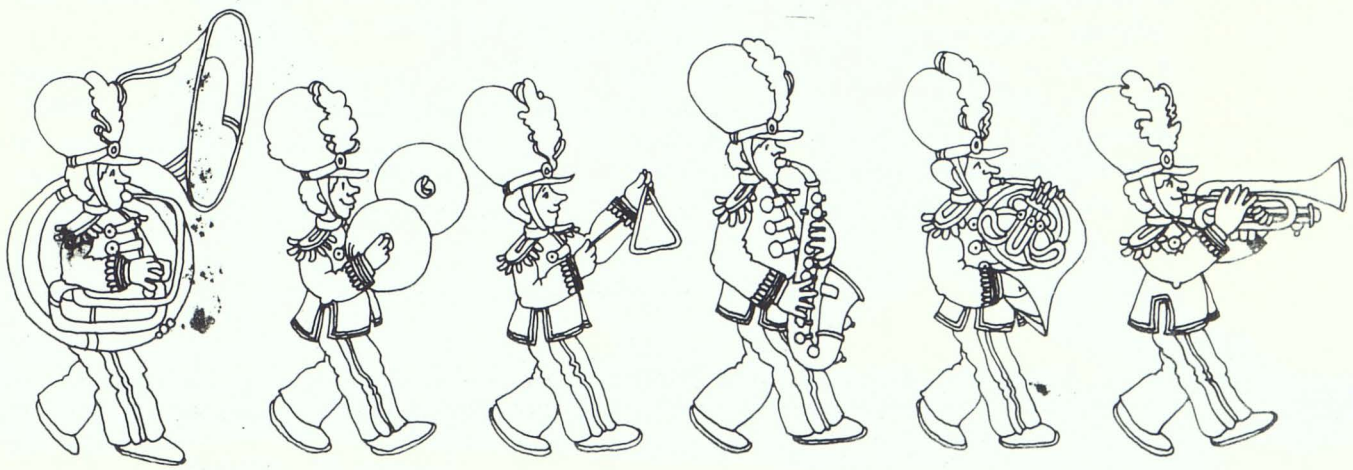
"Mas, senhor", protestei, "Estou de acordo com a música!"

O sr. Genge pareceu chocado, um instante. Não é comum um cadete responder ao seu superior, e muito menos ainda recusar-se a obedecer a uma ordem. Ele, porém, escutou a música, enquanto me observava continuar a marcha, e, dentro de um momento, exclamou: "Nossa! Você está certo!"

Então deu a ordem mais estranha que já foi ouvida naquela parada: "Com exceção de Birley, companhia, MUDE O PASSO!"

Todos os cadetes tiveram de mudar o passo, a fim de me acompanharem e ao ritmo da música.

Não creio que muitos dos que estiveram lá iriam lembrar-se desse fato, a menos que lhes fosse mencionado. E também eu poderia ter-me esquecido dele, se não fosse por outro incidente, alguns anos mais tarde, que me ensinou algo mais acerca de se andar com o passo errado.



Kent e Colleen Ockey eram completamente diferentes de todas as outras pessoas que eu conhecera, vendendo material de fotografia. Não me eram somente amigos sinceros, como também, mostravam um amor mútuo muito grande. Lembro-me de quão felizes pareciam, e quão à vontade e em paz eu me sentia em sua casa, mesmo que não conseguisse achar o cinzeiro. Essas pessoas pareciam completamente fora do ritmo, em relação a outras que eu já conhecera em meu trabalho.

Sobre uma mesa lateral da sala de estar, observei um grande volume do Livro de Mórmon. Já lera alguns capítulos anteriormente, e agora, ele me atraía a atenção de novo. O casal Ockey respondia tranqüilamente a todas as minhas perguntas, e convidou-me a voltar. Apresentou-me os missionários. Comecei a estudar, orar e pesquisar. Fui batizado vinte e três dias depois. Finalmente senti que estava no ritmo certo, e tenho-me esforçado por andar no passo certo com o Senhor e a orientação dos líderes por ele indicados desde aí.

Ao aumentar meu conhecimento da Igreja, aprendi que a história do evangelho é uma história de pessoas (geralmente classificadas como desajustadas pelas demais), que marcharam no passo certo com o Senhor, e fora de ritmo com seus contemporâneos.

Moisés poderia ter vivido em meio ao luxo palaciano, mas preferiu enfrentar a perseguição, lutando para libertar os hebreus escravizados. Daniel recusou-se a curvar a cabeça e adorar ídolos, mesmo que fosse essa a prática de quase todos em sua comunidade. Mórmon, mesmo circundado pela horrível corrupção de sua sociedade, recusou-se a sucumbir ante tal degradação. Esses profetas escutaram ao Senhor, em vez de ouvirem os poderes influentes de sua época.

Em nossa dispensação, encontramos outro bom exemplo em Joseph Smith. Durante algum tempo, ele foi o único no passo certo. Então, houve três testemunhas, depois mais oito, e, simultaneamente, muitos outros filiaram-se à Igreja, todos acertando seu passo a partir daquele único homem que começou, sozinho, no passo certo. Hoje, já existem mais de quatro milhões de santos dos últimos dias marchando, avante, no ritmo da verdade.

Mas, apesar de podermos estar com o passo certo uns com os outros, e com o Senhor (ou, pelo menos, tentando estar), estamos, ainda assim, completamente fora de ritmo com as tendências do mundo. Seremos cada vez mais notados, porque não somos iguais a todos os outros.

Não somos perfeitos, de forma alguma, mas todos vocês sabem, e eu sei, que, na verdade, somos os únicos com o passo certo. Há muitos outros buscadores sinceros da verdade escutando a música, mas somente na Igreja genuína encontramos a marcação da verdadeira cadência.

Haverá muitos outros que irão sussurrar (ou gritar) em nossos ouvidos que estamos com o passo errado, mas, se permanecermos firmes, poderemos vislumbrar o dia em que um grande mestre, o líder supremo de toda a humanidade, dirá, com efeito, o que o sr. Genge disse ao meu grupo de cadetes:

"Todo o mundo, com execção daqueles que são fiéis à fé, MUDE O PASSO!"

E será uma sensação maravilhosa saber que nós ajudamos a preparar o mundo para sua vinda!

É importante que nós, os discípulos e seguidores do Salvador, vivamos de tal maneira que nossa vida seja um testemunho, por nossas obras e palavras, de que somos verdadeiros crentes.

Spencer W. Kimball

O QUE JOSEPH SMITH DESEJOU PARA OS JOVENS

William G. Hartley

Estudamos, debatemos e reconhecemos as contribuições do Profeta Joseph Smith para a Igreja, mas, raramente, focalizamos, de maneira específica, sua preocupação e contribuições para com a juventude. Entretanto, as atitudes básicas que se encontram na raiz dos programas da Igreja para os jovens acham-se englobadas no relacionamento do Profeta com a juventude de sua época.

O termo *jovem,* nos dias do Profeta, podia referir-se aos meninos de dez anos, ou aos moços de vinte e cinco. Não somente a puberdade chegava mais tarde, como também o crescimento físico era um processo muito mais gradativo que agora, sendo que a altura definitiva só era atingida pelos rapazes, por volta de vinte e cinco anos. Para simplificar a idéia, os jovens que amadureciam mais rapidamente, passavam a assumir papéis da vida adulta, tão logo tinham condições, não obstante sua idade cronológica.

O Profeta Joseph tinha quatro compromissos distintos com respeito aos jovens: (1) sua necessidade de amor, respeito e orientação, por parte dos adultos; (2) a necessidade de um equilíbrio saudável entre trabalho e diversão; (3) a necessidade de estudos; e (4) a necessidade de educação religiosa.



Amor, respeito e orientação da parte dos adultos. Joseph Smith amava e respeitava a juventude. Talvez ela significasse muito para ele, uma vez que a morte levou cinco de seus dez filhinhos com Emma.

Exemplos de sua elevada consideração pela juventude são abundantes. Quando John Bellows e seu pai visitaram o Profeta, certa vez, o rapaz sentiu-se importante, porque "Joseph Smith prestou considerável atenção a mim", durante aquela hora de conversa entre os dois adultos. William H. Walker contou como o Profeta, após saber que um dos hóspedes insultara uma das garotas empregadas do Mansion House de Nauvoo, mandou-o reitrar-se sem lhe permitir pagar sua conta: "Não quero seu dinheiro, nem o de qualquer outro homem de sua laia." Em outra ocasião, Emma e Joseph recolheram alguns dos dez filhos da família Walker, após a morte da mãe. "Tínhamos todos os privilégios", registrou a filha, Lucy Walker. Joseph Smith tratava Loren (irmão de Lucy) como a um amigo leal e de confiança. "Estava sempre a seu lado; ombro a ombro caminhavam e conversavam francamente sobre vários assuntos." Quando o Profeta se hospedou na casa da família Hess, após cansar-se de estudar, divertiu-se, brincando com as crianças pela casa, inclusive com John W. Hess, de quatorze anos.

Ao mesmo tempo que respeitava os jovens, esperava que se comportassem com respeito. Goudy E. Hogan, de quatorze anos de idade, sentou-se atrás de Joseph Smith durante uma reunião dominical, no bosque vizinho ao templo de Nauvoo. Observou enquanto o Profeta interrompeu o élder que estava discursando, e disse à congregação que "desejava que alguns desses rapazes do lado de fora da congregação, que estavam perturbando, dirigindo-se em voz alta às moças, não procedessem assim, mas esperassem, e depois fossem às casas delas, pedir o consentimento de seus pais para falar-lhes." Evidentemente, o comportamento continuou, e então, Joseph atravessou a congregação e falou diretamente aos rapazes. "Não houve mais distúrbios durante aquela reunião", acrescentou Hogan.

Equilíbrio Saudável entre Trabalho e Diversão. Joseph Smith acreditava que os jovens deviam aprender a trabalhar e a divertir-se, atividades essas que ele mesmo praticava. Muitas histórias foram contadas, a respeito da habilidade que o Profeta tinha de realizar trabalho físico árduo. Por exemplo, quando William Walker tinha pouco mais de vinte anos, trabalhou durante três anos com Joseph. "Fui até o campo de feno em sua companhia, e ele ajudou a cortar a grama, com o alfanje, muitos dias, durante cerca de dez horas seguidas de trabalho duro", relembra Walker.

O historiador T. Edgar Lyon relatou uma história que ouviu, quando menino, de um habitante de Nauvoo, que morava em sua ala. Esse homem disse que, quando jovem, juntamente com outro adolescente, foi apanhado danificando uma fazenda nas redondezas. O fazendeiro irado os fez prender. O juiz sentenciou-os à prisão. O pai do rapaz pediu a Joseph Smith que intercedesse. O Profeta, recordando-se de suas próprias experiências amargas na cadeia, ainda recentes, pediu ao juiz que soltasse os rapazes, e os deixasse sob sua custódia durante seis meses. Joseph os pôs, então, a trabalhar, carregando pedrisco e cascalho, a fim de tapar os buracos das ruas de Nauvoo. Os rapazes recebiam cinqüenta centavos de dólar por dia, com os quais puderam pagar os danos causados ao fazendeiro e as custas processuais. Este irmão confessou que "aquela foi a maior lição que já recebi para não destruir propriedade alheia, seja por brincadeira ou propositadamente", e também, "o melhor treinamento que já recebi, quanto a trabalhar habitualmente, e receber pagamento por um dia de trabalho honesto."

É de conhecimento geral que Joseph Smith gostava de medir forças, disputar braço de ferro, jogar bola, nadar e caçar.

William Allred, que jogou bola com o Profeta muitas vezes, recordou uma vez em que alguém criticou Joseph, por participar de brincadeiras. Para responder à crítica, Joseph contou uma parábola sobre um profeta e um caçador — claramente explicando sua filosofia pessoal a respeito da relação entre o folguedo e o trabalho. Segundo o relato, um certo profeta sentou-se sob uma árvore, "distraindo-se com alguma coisa." Eis que passou um caçador e o repreendeu. O profeta perguntou ao caçador se deixava seu arco sempre retesado. "Oh, não", disse ele.

"Por que não?"

"Porque perderia sua elasticidade."

"Assim é com minha mente", declarou o Profeta; "não quero mantê-la retesada o tempo todo."

Estudos. A despeito de sua limitada escolaridade, Joseph Smith gostava muito de estudar e aprender. Em parte, ele foi influenciado por companheiros que eram professores. Seu pai lecionou certa vez em escolas. Sua avó materna, também professora, ensinou à sua filha (a mãe de Joseph) os rudimentos de escrita, aritmética e pronúncia. A esposa do Profeta era professora, "uma mulher de cultura liberal, e persistente na educação." Oliver Cowdery, o primeiro escriba durante a tradução do Livro de Mórmon, também era professor.

Joseph também procurou obedecer às muitas revelações que se referiam à necessidade de educação para os santos. O Senhor disse: "... nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento..." (D&C 88:118); e também "... estudarás, e aprenderás, e te familiarizarás com todos os bons livros, com linguagens, línguas e povos." (D&C 90:15.) São também para ser entendidas as coisas do céu e da terra, astronomia, geologia, geografia, história, política, e assuntos atuais. (V. D&C 88:77-80.)

Mas Joseph Smith descobriu que muitos conversos tinham pouquíssima escolaridade, assim como ele. Muitos eram como Harrison Burgess, que relata: "... vivi com meus pais até mais de quatorze anos, e, por ser o filho mais velho, tive de trabalhar constantemente, e não houve muita oportunidade para estudar." Assim sendo, durante uma época de escolas paroquiais, particulares, de falta de escolas, de professores particulares contratados, e de pouquíssimas escolas públicas, Joseph Smith tornou-se um reformador educacional muito avançado para sua época.

Escolas surgiram e se espalharam em quase todos os grandes povoados dos santos dos últimos dias. Em Kirtland, juntamente com a escola dos Profetas, Joseph Smith estabeleceu uma escola secundária, que, em certa época, era freqüentada por 140 "crianças e adolescentes". As matérias lecionadas incluíam matemática, geografia, gramática, composição, leitura e línguas. Ao final de cada período, os alunos tinham de submeter-se a um exame diante dos curadores — inclusive da Primeira Presidência. E também em Kirtland, Eliza R. Snow abriu uma escola para "jovens senhoras", uma das poucas escolas particulares lá existentes. No estado de Missouri os mórmons inauguraram as primeiras escolas do condado de Jackson.

A constituição municipal de Nauvoo estabeleceu um amplo sistema escolar — desde escolas públicas primárias em cada ala, para as crianças, os seminários (escolas secundárias) para os adolescentes, que englobavam o ensino profissionalizante, a uma universidade para os jovens-adultos e adultos. Os historiadores têm identificado dezenas de homens e mulheres que serviram como professores em Nauvoo. Aberto a todos os que desejassem educação, o sistema era financiado pelos impostos municipais — um conceito revolucionário para aquela época.

Educação Religiosa. Joseph Smith apoiava integralmente a "lei para os habitantes de Sião", segundo a qual, a responsabilidade pelo ensinamento religioso dos filhos repousa diretamente sobre os pais. (V. D&C 68:25-28.) Mas também sabia que a Igreja poderia auxiliar os

pais nesse esforço. As escolas SUD ajudaram, ensinando a leitura e composição, a partir das escrituras. Assim também as escrituras e discursos públicos, que, após impressos, divulgavam a defesa de princípios cristãos, inclusive o casamento, como uma meta desejada para a juventude. Os registros mostram que os jovens compareciam às reuniões dominicais de adoração, e a algumas reuniões particulares de oração, nos domingos à noite, onde recebiam bons ensinamentos. Goudy Hogan, quando tinha quatorze anos, relata: "ia freqüentemente com meu pai até Nauvoo, cerca de 13 quilômetros distante de onde morávamos, a fim de assistir à reunião, e voltava, no mesmo dia, a pé. Acrescentou que "ficava ansioso para ir à reunião e escutar o que os servos do Senhor tinham a dizer." Mary Alice Cannon, outra jovem de quatorze anos, ouviu o Profeta pregar "muitas vezes".

Joseph Smith emprestou entusiástico apoio à "Sociedade de Socorro das Jovens Senhoras e dos Jovens Cavalheiros de Nauvoo", que se desenvolveu sob a direção de Heber C. Kimball. A organização começou com simples reuniões de debate. Mas, com o passar das semanas, mais jovens vieram, e locais de reunião cada vez maiores foram providenciados. Certa vez, quando o grupo se reuniu na grande sala existente no segundo andar da loja do Profeta, ele mesmo veio falar-lhes. Elogiou o élder Kimball por ajudar na organização desta "obra boa e gloriosa", cumprimentou os jovens por sua boa conduta, "e ensinou-lhes como se portarem em todos os lugares, explicando-lhes os seus deveres, e aconselhando-os a se organizarem em uma sociedade para o cuidado dos pobres." Especificamente, pediu-lhes que levantassem fundos e então construíssem uma moradia para um irmão aleijado. Em resposta, os jovens esboçaram uma constituição, elegeram oficiais, convocaram reuniões mensais, e alistaram em sua agremiação qualquer pessoa, membro da igreja ou não, com menos de trinta anos, que fosse residente em Nauvoo, e desejasse participar, incluindo os rapazes e "as ternas, amáveis, e belas moças de nossa cidade".

As moças também participavam da sociedade de socorro das irmãs adultas. Um ano antes, durante a primeira reunião da Sociedade de Socorro, três das vinte irmãs presentes eram adolescentes.

O trabalho do sacerdócio naquela época não envolvia de maneira geral, os rapazes e meninos da Igreja. Maturidade, e não idade cronológica era o pré-requisito. Todavia, podemos identificar vários rapazes que serviram muito bem à Igreja em chamados oficiais. Orson Pratt tornou-se missionário com dezenove anos (D&C 34.) Lyman Johnson, posteriormente um jovem membro do Quorum dos Doze, serviu em missão com vinte anos. George A. Smith, batizado aos quinze anos, marchou no Acampamento de Sião e, mais tarde, foi ordenado um membro do Primeiro Quorum dos Setenta, aos dezoito anos. Peter Whitmer Jr. tornou-se uma das oito testemunhas aos dezenove. Daniel Tyler, ainda sem completar dezoito anos, cumpriu uma missão sozinho, quando seu companheiro mais velho não apareceu. O irmão mais moço de Joseph, Don Carlos Smith, recebeu o sacerdócio com quatorze anos, cumpriu uma missão naquele mesmo ano, e com dezenove, tornou-se presidente de um quorum de sumos sacerdotes. Erastus Snow, batizado aos quatorze, fez pregações em Ohio, Nova Iorque e Pennsylvânia, e, antes que completasse dezenove, serviu em missão no estado de Vermont. William F. Cahoon, de dezessete anos, um mestre, serviu como mestre familiar da família de Joseph Smith.

Apesar de os poucos sermões públicos registrados do Profeta fazerem raras menções à juventude, outros registros indicam que ele não ignorava os jovens. Ele os amava. Gostava da companhia deles. Ensinava-os. Construiu escolas para que estudassem. Incentivou as associações de melhoramentos, iniciadas por outros. Seu exemplo fala bem alto.

PERTH, AUSTRÁLIA: Foi Preciso Fé, Não Dinheiro

H. Dyke Walton

Eu não me considerava um grande especialista, mas os quatro homens naquela saleta encaravam-me como se eu fosse. Reggie, Robert, Charles e Don, o presidente do distrito, todos precisando de minha ajuda para a construção de sua nova capela. Eu fora enviado para esse propósito.

Mas há ocasiões em que mesmo um especialista não tem todas as respostas. O que poderia eu dizer àqueles homens, que desejavam um método infalível para levantar os fundos necessários? Certamente, o método aprovado é a coleta de contribuições dos membros. Mas aqueles membros diziam-se incapazes de darem tal contribuição — ou, pelo menos, pareciam sem condições. Mesmo o mais rico entre eles parecia pobre.

Não consegui pensar em outra solução. E disse: "É claro, precisaremos conseguir o dinheiro com os membros."

Todos menearam a cabeça e nada disseram. Sabiam que eu não havia solucionado seu problema.

Dei um passo adiante: "Primeiramente, é básico que cada um dos irmãos faça um compromisso pessoal", declarei.

"Quanto você sugere?" perguntou Don.



"Para começar, eu sugiro cinqüenta libras." Pela expressão de todos, pude perceber que "chutara" alto demais.

"Os líderes dão o exemplo", lembrei-os. "Vocês não poderão pedir que outros façam o que vocês mesmos relutam em fazer. Após haverem feito seu próprio compromisso pessoal, o Senhor ajudará. Com isso, mais um bom planejamento, e trabalho árduo, pode-se conseguir qualquer coisa." Novamente menearam a cabeça, mas eu podia ver que ainda havia algumas reservas. Dois dos homens aposentaram-se com uma pensão muito baixa, e os outros dois, um empreiteiro, e o outro, um operário braçal, tinham famílias para cuidar, e salários baixos.

Após a reunião, Don levou-me de volta ao hotel, e Charles nos acompanhou. Quando desci do carro, Charles olhou para Don e disse: "Pegarei um ônibus aqui. Preciso falar com o irmão Walton."

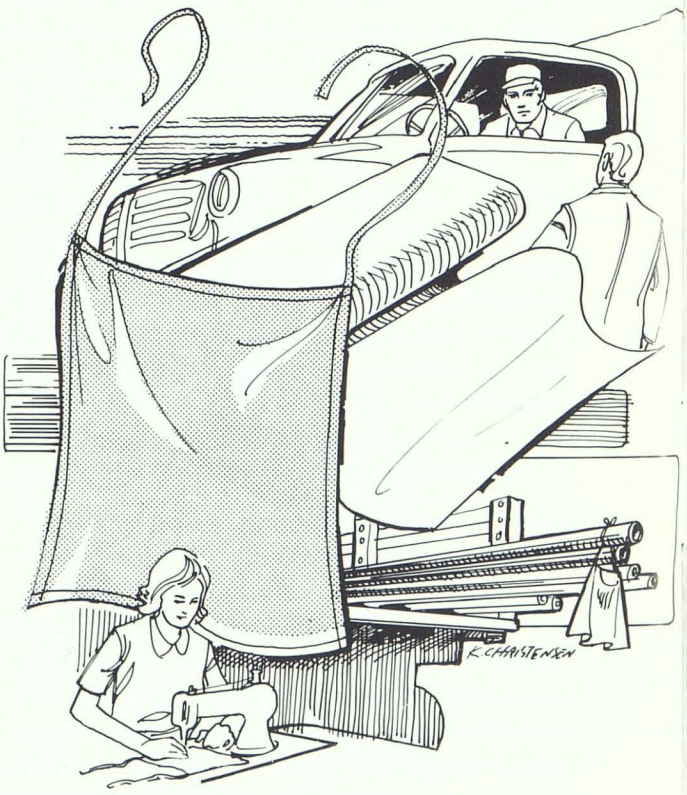
"Está bem", replicou Don. "Vou apanhá-lo às sete, para chegarmos a tempo em nossa reunião." Ele sorria, mas a preocupação causada pelas cinqüenta libras ainda estava estampada em seu rosto.

Charles e eu subimos os degraus que davam para a varanda do hotel, e nos assentamos nas cadeiras de vime. Olhei para ele e pude ver uma vida inteira de labuta incessante por detrás de seu rosto. Assentados ali, balançamo-nos e olhamos para o outro lado da rua, onde havia um grande parque arborizado e mais além, o oceano Índico.

Finalmente ele falou: "É sobre o dinheiro: eu tenho uma aposentadoria fixa, que é o único rendimento que possuo. Sou doente. Minha mulher e eu lutamos todos os meses para pagarmos as contas. Honestamente, não vejo jeito de me comprometer com coisa alguma — sejam cinqüenta libras ou menos que isso." Ele era um homem humilde, e lamentei tê-lo colocado naquela situação; e também pude perceber que ele lamentava não poder suportar sua parte em nossa carga. "Há muitos outros que se encontram em posição tão difícil quanto eu. Talvez seja melhor a gente esperar mais um pouco, antes de realizarmos um projeto tão grande", disse ele, com tristeza.

Nada disse para não pressionar ainda mais o Charles, mas devo admitir que minha mente começou a refletir as muitas páginas de história escrita a respeito de esforços de povos que conseguiram realizar o impossível. Finalmente, eu disse: "Gostaria de sugerir que você conversasse com sua mulher a respeito, e orasse quanto a este assunto. É algo, de fato, entre você e o Senhor, e não qualquer outra pessoa."

Charles levantou-se e apertamos as mãos. Ele era um homenzinho pálido, com pouca força nas mãos, mas com sinceridade nos olhos. Desceu os degraus da escada circular de madeira; ao atravessar a rua, deve ter percebido que eu



o estava observando, porque se voltou e acenou.

Decidi-me a ir para meu quarto, quando Reggie chegou de carro, acenou-me e estacionou. Ele era jovem, magro e vigoroso, e subiu as escadas de dois em dois. Contou-me sobre seu pequeno estabelecimento, seus filhos pequenos, a falta de serviço, e, finalmente, que não via jeito de prometer cinqüenta libras.

Segurei-lhe os ombros. "Permita-me sugerir que você discuta esse assunto com sua família e com o Senhor. Vocês não querem construir esta igreja para mim, mas para o Senhor. É possível que ele tenha algo em mente para vocês. Mas, acima de tudo, não se deprimam. Ninguém espera que vocês façam mais do que são capazes."

Reggie estava com pressa, e, obviamente, não havia nada mais que eu pudesse dizer. Eu sabia que, a menos que esses líderes estabelecessem seus compromissos pessoais, não era de se esperar que os membros o fizessem. Não tive muito tempo para pensar em Reggie; antes que minha visita sumisse de vista, um jovem empregado do hotel chamou-me ao telefone.

Era Robert quem telefonava. Ele era um funcionário do correio, já aposentado, um homem educado, recém-converso. Falou devagar, e repetiu, pelo telefone, quase palavra por palavra o que Charles já dissera: "Temos uma aposentadoria pequena... uma renda fixa..."

Eu estava no saguão, e havia outras pessoas à minha volta. O telefone ficava no balcão da recepção do hotel. Achei que não deveria discutir em público as finanças de Robert. Concordei com tudo o que ele disse, e lembrei-o: "Mas há alguém mais com quem você precisa falar, além de mim."

Houve uma pausa, e ele, então, respondeu: "Compreendo. Vê-lo-ei na reunião."



Os membros lotaram o pequeno edifício por eles denominado sua Igreja. Fechamos todas as janelas, mas, ainda assim, podia-se ouvir o som do rádio do vizinho. Foi uma reunião normal, com poucas surpresas. A despeito dos acontecimentos da tarde que se findara, não fiquei nem surpreso quando o presidente e seus conselheiros anunciaram que contribuiriam, cada um, com cinqüenta libras para o novo edifício. Os discursos, embora curtos, foram cheios de sinceridade, e a audiência foi levada a participar.

Retornei confiante a Sidney, no dia seguinte. O dinheiro seria arrecadado; a capela seria construída. Tudo o que ficava a meu encargo era conseguir um supervisor de construção da Igreja. Telefonei à Cidade do Lago Salgado, solicitando que me enviassem um.

Os primeiros relatórios semanais de Perth não foram entusiasmantes. Contribuições eram feitas, mas não em quantidade suficiente. Logo decidi fazer outra visita, para ver quando estariam prontos para iniciar a construção. Certamente eu não queria um supervisor sentado em Perth, sem edifício para construir. Telegrafei a Don, e uma semana depois, estava eu sentado com os mesmos quatro homens. Desta vez havia um clima de entusiasmo entre eles, que eu não notara antes. Comecei a especular, depois desisti da idéia e pedi a Reggie que apresentasse seu relatório.

"Eu não via possibilidade de levantar as cinqüenta libras, mas minha mulher e eu decidimos assumir o compromisso de qualquer forma, na esperança de que as coisas saíssem bem. Após assumir o compromisso de pagar cinqüenta libras, entrei em contato com um viveiro de plantas, para saber o que eu poderia fazer. Consegui um contrato para fornecer sementes de flores silvestres — temos as flores mais bonitas do mundo aqui na Austrália ocidental. Tive sorte; o viveiro recebera um pedido dessas sementes de

uma companhia americana. Minha família e eu despendemos nossos sábados e toda hora livre após o trabalho para recolher as sementes. Não só ganhamos o dinheiro para a contribuição, como também recebemos alguns benefícios extras por esse trabalho. As crianças gostaram dessa atividade ao ar livre com a família, assim como da oportunidade de ganhar um dinheiro extra. Iniciamos alguns projetos em nossa casa, para os quais nunca tivemos dinheiro antes. Ele olhou para cada um de nós e sorriu: "Certamente foi um grande benefício para nós todos!"

Em seguida, pedi a Robert que relatasse. Ele cruzou as pernas, e com um leve sorriso, inclinou-se para a frente e começou a falar.

"Assim como Reggie, eu também ignorava como iria cumprir meu compromisso. Conversei com o Senhor antes e depois daquela reunião — eu realmente precisava de ajuda. Bem, na manhã seguinte, recebi uma carta de um velho amigo. Seu filho entrara na universidade aqui, e precisava de alojamento e alimentação. Agora que nossos filhos já se casaram e partiram, temos um quarto a mais. O rapaz já está conosco há duas semanas, e tem trazido luz e alegria para nosso lar. É muito educado, e estamos felizes por tê-lo conosco. Ele não é membro de nenhuma igreja, e assim começou a freqüentar as reuniões conosco."

"E o seu compromisso?" perguntou Don, piscando o olho.

"Oh, sim! Bem, seu pai nos enviou cinqüenta libras adiantadas para o ano escolar. Será muito fácil acrescentar o pouco que ele come ao que minha mulher e eu precisamos — especialmente com nossa horta produzindo como está agora." Ele sorriu, e eu desfiz o nó de minha garganta. "Não só conseguimos o dinheiro, como também uma alegria especial em nossa vida também", disse ele.

Don voltou-se para Charles. "Vamos ouvir você, agora."

"Eu também não sabia como iria arranjar-me. Não tinha a menor idéia de como conseguiria as cinqüenta libras que prometera para a casa do Senhor. E, também, passei algum tempo falando ao Senhor sobre meu problema, e pedindo sua ajuda para cumprir minha promessa.

Eu estava na cidade, na manhã após aquela reunião, e, ao atravessar a rua, passou um caminhão com uma carga de ferro reforçado, que saía para fora da carroçaria, na parte de trás. Quase fui apanhado pela carga — e eu não fui o único. Várias outras pessoas também escaparam por um triz. Fiquei tão irritado por não haver um pano vermelho amarrado à ponta da carga, que, ao chegar a casa, telefonei para a delegacia. O chefe de polícia disse-me que havia uma portaria exigindo a colocação do pano vermelho, mas que não a fazia cumprir porque não havia panos à disposição dos caminhoneiros."

Charles respirou profundamente, um tanto agitado, e continuou: "Imediatamente, minha mulher e eu compramos todos os panos vermelhos da cidade. O tecido foi cortado no tamanho exigido pela portaria; ela costura a bainha e eu ato um pedaço de cordão forte, por dentro, a fim de que seja amarrado às cargas. Entrei em contato com alguns dos caminhoneiros, e recebemos mais pedidos do que, provavelmente, poderei atender. E mais que isso, nossos dias, usualmente monótonos, transformaram-se em produtivos, e abrimos um pequeno estabelecimento, que será lucrativo por muito tempo ainda, depois que a capela estiver terminada. Sim, conseguimos cumprir nosso compromisso; e teremos força para fazer ainda mais agora." Recostou-se, satisfeito e sorrindo, espelhando mais que gratidão em seu rosto.

Don foi o próximo a apresentar seu relato.

"Naquela segunda-feira de manhã, que se seguiu a nossa reunião da coleta de



fundos, fui à reunião de vendas, bem cedo. Depois, ouvi, por alto, o gerente da loja reclamar acerca da falta de ajuda competente e honesta para fazer o inventário. Adiantei-me, e ofereci a ajuda de quatro pessoas — minha mulher, minhas duas filhas mais velhas e eu. Já recebemos nosso primeiro cheque, as cinqüenta libras que prometemos. Em seis meses, teremos inventário novamente — o momento exato de atender às próximas necessidades. Ah, e mais uma coisa: nosso trabalho fez com que eu fosse bem visto pelos meus superiores. Já recebi um aumento de salário, e já me disseram que eu sou o próximo na lista de promoções."

Olhei aqueles homens na sala, cada um dos quais havia encontrado um meio de honrar seu compromisso — com a ajuda do Senhor. E então soube, como nunca antes, que mesmo que me houvesse sentido inadequado como especialista, o Senhor nunca é inadequado para ajudar. Os bons santos de Perth responderam ao desafio com obediência e esforço. Em troca, o Senhor respondeu, abrindo as janelas do céu e derramando bênçãos.

A sua irritação não soluciona problema algum.
As suas contrariedades não alteram a natureza das coisas.
Os seus desapontamentos não fazem o trabalho que só o tempo conseguirá fazer.
A sua dor não impedirá que o sol brilhe sobre os bons e os maus.
A sua tristeza não iluminará os caminhos.
O seu desânimo não edificará a ninguém.

TENHA FÉ EM DEUS

CONSAGRA-TE A TEU IRMÃO!

(Durvalda M. Abacherli)

Tu, ao orares de manhã,
pedes graças a seres celestes!
Já lembraste, neste teu afã,
de contar as bênçãos que já
[recebeste?

Conta! Conta quantas são!
Tantas, que nem poderás contar!
No entanto, ao teu irmão que é
[pobre,
desse muito já pensaste dar?

Já deste de comer ao que te pede?
Agasalho ao que tem frio, já cedeste?
Quando um erro reconheces, a razão
[impede
que o teu orgulho se manifeste?

Nem só de pão o homem vive!
Necessita da palavra, do calor!
A quantos aflitos acudiste?
A quantos falaste com amor?

Poucos sabem de onde vieram,
que fazem aqui, ou para onde vão!
Já lhes falaste de Deus, do seu plano,
ou... já instruíste ao teu irmão?

Quantos lares são destruídos,
por ninguém saber quando parar!
Sabem eles, já disseste
que nenhum sucesso no mundo
compensa o fracasso no lar?

Quanto à criança, e ao jovem,
que exemplos lhes podes dar?
Tem cuidado! Não tropeces!
Estão a te observar!

Ao teu vizinho, o que **pregas**?
A Palavra? Isso sei!
Mas... ele só vê o que **mostras**
E isso é o espírito da lei!

Dá a teus filhos uma herança
que todos irão cobiçar:
um nome honrado, e a esperança
da eternidade habitar!

Doa teu amor, teus talentos!
Só assim eles crescerão!
Por incrível que pareça,
se mais deres, mais virão!

Vês que riqueza infinita
possuis à tua mão?
Por que não compartilhá-la,
e ajudar teu irmão?

Quem dá aos pobres a Deus
[empresta!
E ele com bênçãos se manifesta!
Não esqueças! O inimigo é parte do
[teu plano!
Sê como o BOM SAMARITANO!!!

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY
DEC 29 1979



FOTO DE MARIO LUBRANI

Trabalho classificado
em terceiro lugar
Categoria Tema Livre,
no I Concurso Nacional de Fotografia
de A Liahona